



Mónica Alexandra Fernandes
Dias

**Espaços e Materiais em
Creche e Jardim-de-Infância**

Nº. 150139011

Relatório de Projeto de Investigação

Mestrado em Educação Pré-Escolar

Versão Definitiva

Dezembro de 2017

Agradecimentos

Mesmo por vezes não acreditando, chegar aqui foi possível...

O meu obrigado a todos os que acreditaram em mim e que sempre me apoiaram tornando possível esta minha conquista.

Individualmente agradeço: ao meu marido, que sempre foi e é o meu melhor amigo e companheiro que durante este longo percurso sempre esteve ao meu lado, me apoiou, me incentivou e motivou para continuar e nunca desistir.

Aos meus pais pela educação que me deram e também pela ajuda e apoio que me prestaram nesta fase da minha vida.

À restante família, que cada um à sua maneira também me ajudou a chegar aqui.

A todos os meus amigos que também acreditaram que era possível, em especial à amiga do mestrado que para além de colega foi aquela amiga e companheira que juntas vivemos intensamente todos os desafios que o curso nos proporcionou.

Às colegas, que cada uma à sua maneira também deu o seu contributo.

Aos professores que me transmitiram o conhecimento necessário para me tornar numa profissional da educação.

À professora orientadora, que sem o seu apoio, trabalho, dedicação e motivação eu não teria conseguido ultrapassar todas as minhas dificuldades na realização do presente relatório.

Às instituições que me abriram as suas portas, e que me fizeram sentir bem, integrada e adaptada.

Às educadoras cooperantes que me passaram o seu testemunho, que acreditaram no meu trabalho e me ajudaram a crescer enquanto pessoa e profissional.

Às crianças, sem elas não era possível desenvolver o meu trabalho de investigação.

E por último... ao meu filho que sempre junto a mim me acompanhou neste ultimo ano. Juntos, consegui ter mais força para continuar, para nunca desistir e para tornar este objetivo uma realidade.

A todos o meu muito obrigado!

Resumo

O presente relatório de projeto de investigação do Mestrado em Educação Pré-Escolar centra-se na organização dos espaços e materiais nos contextos de creche e jardim-de-infância, focando-se na forma como as salas estão organizadas e estruturadas para o envolvimento adequado das crianças nos contextos.

Para desenvolver o presente trabalho realizei quatro momentos de estágio, o primeiro na valência de creche, o segundo na valência de jardim-de-infância e nos dois últimos regressei às mesmas instituições com o objetivo de concluir a investigação relativamente às intervenções desenvolvidas.

Para a concretização deste projeto recorri à investigação qualitativa desenvolvendo uma metodologia de investigação-ação.

Para desenvolver o meu trabalho observei a organização das salas, dos materiais e estruturas dos espaços, compreendendo as necessidades de modo a poder intervir.

Em creche devido à faixa etária das crianças as minhas intervenções focaram-se essencialmente na reorganização da sala, implementando materiais com características sensoriais. Relativamente ao jardim-de-infância mediante a intervenção centrou-se na reorganização da “Área da Biblioteca” com a participação ativa das crianças.

Foi fundamental recorrer à utilização de diferentes procedimentos de recolha de informação e análise documental.

Esta investigação permitiu compreender a importância dos espaços e materiais estarem bem estruturados e organizados. Ao longo deste percurso a criação de estratégias de mudança nas salas de creche e jardim-de-infância serviram para potencializar mais interesse e envolvimento das crianças com novos espaços e novos objetos, construindo possibilidades de elas criarem e desenvolverem competências pessoais e sociais.

Palavras-chave:

Organização dos espaços, Organização dos materiais, Creche, Jardim-de-Infância

Abstract

This research project report of the Master's degree in Pre-School Education focuses on the organization of spaces and materials in nursery and kindergarten contexts, focusing on how rooms are organized and structured for appropriate involvement of children in contexts.

In order to develop the present work, I performed four stages of the internship, the first one in the nursery, the second in the kindergarten, and in the last two I returned to the same institutions in order to complete the research regarding the interventions developed.

For the realization of this project I turned to qualitative research by developing an action-research methodology.

In order to develop my work, I observed the organization of the rooms, the materials and structures of the spaces, understanding the needs in order to be able to intervene. In the nursery due to the age of the children, my interventions focused essentially on the reorganization of the room, implementing materials with sensorial characteristics. With regard to kindergarten through intervention, it focused on the reorganization of the "Library Area" with the active participation of children.

It was essential to use different procedures for collecting information and documentary analysis.

This research allowed us to understand the importance of spaces and materials being well structured and organized. Throughout this course the creation of change strategies in nursery and kindergarten rooms served to increase the interest and involvement of children with new spaces and new objects. Thus, they themselves had the possibility to create and develop personal and social skills with the new elements in the rooms and carry out new activities.

Keywords:

Organization of the space, Organization of the materials, Nursery, Kindergarten

Quadro de Siglas/Acrónimos	x
Introdução	11
Capítulo I - Enquadramento Teórico.....	14
1. A Organização dos Espaços e dos Materiais na Educação de Infância.....	14
1.1. Princípios de Organização dos Espaços e dos Materiais na Creche	16
1.2. Princípios de Organização dos Espaços e dos Materiais no Jardim-de-Infância	18
2. A Influência dos Modelos Curriculares na Organização dos Espaços e dos Materiais	20
2.1. A Organização dos Espaços e dos Materiais na Abordagem High/Scope ...	20
2.2. A Organização dos Espaços e dos Materiais no Movimento da Escola Moderna (MEM).....	22
Capítulo II – Metodologias de Investigação.....	24
1. Paradigma Interpretativo	24
2. Investigação Qualitativa	26
3. Investigação- Ação	28
4. Técnicas e Recursos de Recolha e Análise de Informação	29
4.1. Observação Participante.....	29
4.2. Notas de Campo	29
4.3. Registo Multimédia - Fotografias	30
4.4. Análise Documental	31
Capítulo III – Apresentação e Interpretação da Intervenção	32
1. Instituição A – Creche	32
1.1. O Contexto	32
1.2. O Grupo de Crianças	33
1.3. A Sala	35
1.3.1. A Organização do Espaço e dos Materiais	39
1.4. Intervenção – Implementação de Novos Materiais na Sala	42
2. Instituição B – Jardim-de-Infância	58
2.1. O Contexto.....	59
2.2. O Grupo de Crianças	60

2.3. A Sala	62
2.3.1. A Organização do Espaço e dos Materiais	65
2.4. Intervenção – Reorganização da “Área da Biblioteca”	67
Capítulo IV – Considerações Finais	77
Referências Bibliográficas	81
Apêndices.....	83

Índice de Fotos

Foto 1- Garrafas sonoras e coloridas	44
Foto 2- Criança a colocar as garrafas em pé.....	46
Foto 3- Criança a derrubar as garrafas.....	46
Foto 4- Criança a colocar as garrafas atrás das costas.....	46
Foto 5- Criança sentada na abertura da estante	46
Foto 6- Zona do móvel de parede.....	47
Foto 7- Primeira interação das crianças com as fitas.....	48
Foto 8- Estagiária com as crianças	48
Foto 9- Cartão com papel espelhado	50
Foto 10- Materiais para colocar em redor do espelho	50
Foto 11- Criança a explorar os materiais colocados à volta do espelho.....	51
Foto 12- Criança a interagir com o espelho.....	51
Foto 13- Material a utilizar em fase de concretização.....	52
Foto 14- Painel concluído.....	54
Foto 15- Primeiras interações das crianças com o painel.....	54
Foto 16- Exploração do painel a pares	56
Foto 17- Área da biblioteca antes da intervenção.....	68
Foto 18- Crianças a organizarem os livros	69
Foto 19- Inventário/Registo dos materiais existentes na área	69
Foto 20- Área da biblioteca já modificada	71
Foto 21- Livros realizados pelas crianças.....	72
Foto 22- Grupo de Crianças a desenharem as almofadas.....	72
Foto 23- Dois grupos de crianças na Área da Biblioteca	75

Índice de Ilustrações

Ilustração 1- Planta da sala 2- Creche	37
Ilustração 2- Planta da sala 3- Creche	39
Ilustração 3- Planta da Sala 2- Jardim-de-Infância.....	64

Índice de Apêndices

Apêndice I- Exemplo de Nota de Campo.....	83
Apêndice II- Alguns aspetos referentes à sala.....	84
Apêndice III- Reflexão Cooperada com Educadora Cooperante de Creche	85
Apêndice IV- Conversa com Educadora Cooperante.....	86
Apêndice V- Reflexão Cooperada com Educadora Cooperante de Creche	87
Apêndice VI- Reflexão Cooperada com Educadora Cooperante de Creche	88
Apêndice VII - Exploração do painel sensorial.....	89
Apêndice VIII- Conversa Informal com a Educadora Cooperante de Jardim-de-Infância (J.I.).....	90
Apêndice IX- Reflexão Cooperada com Educadora Cooperante de J.I.	91
Apêndice X.....	92
Apêndice XI.....	93
Apêndice XII	94
Apêndice XIII.....	96
Apêndice XIV.....	98
Apêndice XV- Visita ao local de estágio.....	100
Apêndice XVI- Conversa Informal com a Educadora Cooperante	101

Quadro de Siglas/Acrónimos

IPSS – Instituição Particular de Solidariedade Social

MEM – Movimento da Escola Moderna

AAAF – Atividades de Animação e Apoio à Família

UC – Unidade Curricular

RSI – Rendimento Social de Inserção

CATL – Centro de Atividades de Tempos Livres

J.I.- Jardim-de-Infância

Introdução

Este relatório surge no âmbito do curso de Mestrado em Educação Pré-Escolar integrado na Unidade Curricular, Estágio em Educação de Infância III. Desta forma o presente relatório visa investigar um tema transversal aos quatro momentos de estágio, realizados em creche e jardim-de-infância, ao longo do curso.

Recém-chegada ao primeiro contexto de estágio, as dúvidas e as incertezas eram muitas, o medo de não conseguir e de falhar estavam quase sempre presentes, com o tempo todas estas incertezas se foram aligeirando e, pouco a pouco, foram-se dissipando. As difíceis escolhas surgiram logo nas primeiras semanas com a tomada de decisão sobre a temática a investigar e a desenvolver ao longo do curso.

Refletindo acerca das minhas crenças e gostos pessoais, inicialmente tencionei desenvolver algo sobre Arte, Expressões Artísticas, nomeadamente a expressão plástica, mas após ter refletido acerca desta minha intenção ponderei em deixar em aberto este tema e centrar as minhas observações no contexto e nas ações da educadora cooperante com o objetivo de encontrar situações que necessitassem de intervenção, tendo sempre como objetivo central poder contribuir para melhorar a ação pedagógica.

A observação diária permitiu que direcionasse a minha atenção para a temática dos Espaços e Materiais, na medida em que o trabalho desenvolvido pela educadora cooperante me suscitou bastante interesse. Constatei que desenvolvia um trabalho bastante atento relativamente aos interesses e necessidades das crianças no momento, quanto ao espaço da sala. A sala estava em constante mudança, hoje mudava isto, amanhã aquilo e aquilo e todos os dias a sala estava diferente.

Comecei a sentir-me motivada em perceber melhor aspetos relativamente ao espaço e aos materiais, centrei-me nas observações diárias e efetuei uma pesquisa mais aprofundada acerca da temática. O facto de gostar e de me sentir confortável com um espaço organizado e de também dar valor à estética dos espaços, foram fatores que impulsionaram a escolha do tema a desenvolver.

Após ter refletido mencionei à educadora cooperante de creche as minhas intenções relativamente ao que fui observando e o que tencionava desenvolver, com todo o seu apoio senti-me motivada para continuar o estudo e a compreender melhor alguns

aspectos presentes em sala. Pouco a pouco fui percebendo as fragilidades da sala e o que, em parceria com a educadora cooperante, poderia ou não desenvolver.

Após ter encontrado a temática a desenvolver centrei-me em perceber como poderia intervir diretamente e como ponto de partida construí a questão de Investigação: “Como otimizar a organização dos espaços e materiais em creche e jardim-de-infância?”.

Em ambos os contextos as minhas intencionalidades se centraram na reorganização da sala, na diversificação dos materiais com o intuito de criar condições para a promoção de experiências diversificadas nas explorações autónomas das crianças. Estas necessitam de espaço para usar os materiais e objetos, para realizarem as suas explorações, “criar e resolver problemas; espaço para se mover livremente, falar à vontade sobre o que estão a fazer; espaço para guardar as suas coisas e exibir as suas invenções; e espaço para os adultos se lhes juntarem para as apoiar nos seus objetivos e interesses” (Hohmann, Weikart, Marujo, & Neto, 1997, p.162). Baseando-me e concordando com a ideia dos autores pensei, criei e reorganizei os espaços de modo a implementar novos materiais para exploração das crianças das crianças.

O presente relatório organiza-se em quatro capítulos da seguinte forma: no primeiro capítulo apresento o **Enquadramento Teórico** onde refiro com bases teóricas os itens que caracterizam o meu trabalho, a organização de espaços e materiais em creche e jardim-de-infância e também os princípios organizacionais de cada contexto. Refiro também a influência dos modelos curriculares na organização de espaços e materiais, centrando-me na abordagem High/Scope e no Movimento da Escola Moderna, que sustentam o trabalho desenvolvido pelas duas educadoras cooperantes.

No segundo capítulo, **Metodologias de Investigação**, explico o paradigma interpretativo e a investigação qualitativa no que concerne ao estudo, a investigação-ação e as técnicas de recursos para recolha e análise de informação utilizados na realização deste Projeto de Investigação.

No terceiro capítulo, **Apresentação e Interpretação da Intervenção**, apresento em dois pontos distintos sucintamente ambos os contextos onde desenvolvi os estágios, também descrevo as características relativas a cada valência, os grupos de crianças e mais pormenorizadamente defino as salas e a sua organização quanto ao espaço e aos materiais. Ainda neste capítulo apresento as intervenções que fundamentam o meu

trabalho de investigação, descrevo como as desenvolvi em ambos os contextos de estágio e a pertinência das mesmas.

No quarto capítulo abordo, de forma reflexiva, as **Considerações Finais**, focando-me no percurso de toda a investigação. Apresento ainda um balanço global de todo o meu percurso, as dificuldades sentidas e todos os conhecimentos que adquiri enquanto estagiária e futura educadora de infância.

Apresento, ainda, as **Referência Bibliográficas** mencionadas neste relatório, bem como os **Apêndices**.

Capítulo I - Enquadramento Teórico

Neste capítulo apresento os temas essenciais acerca do trabalho desenvolvido nesta investigação. Exponho a temática central de todo o trabalho, a organização de espaços e materiais em creche e jardim-de-infância, bem como os princípios organizacionais de cada contexto.

Dou ênfase ainda à influência dos modelos curriculares na organização de espaços e materiais, centrando-me na abordagem High/Scope e no Movimento da Escola Moderna, já que estes orientam as práticas das educadoras cooperantes envolvidas nesta investigação.

1. A Organização dos Espaços e dos Materiais na Educação de Infância

Num contexto educativo é fundamental o educador ter em conta a forma como organiza os espaços e os materiais que coloca ao dispor das crianças, estando sempre atento ao desenvolvimento e aos interesses do seu grupo, pois o “ambiente físico e material [...] deverá refletir a crença na competência participativa da criança e criar múltiplas oportunidades para o seu bem-estar, aprendizagem e desenvolvimento” (Formosinho & Araújo, 2013, p.93)

A organização do contexto educativo deve focar-se especialmente na aprendizagem de quem o habita, pelo que todos os espaços devem promover o bem estar, a alegria e o gosto em frequentar a “escola” (Zabalza, 1992, p.119).

A organização do espaço educativo influencia sobremaneira as experiências a realizar pelas crianças, na medida em que essa organização dá primazia a “diferentes prioridades, mais ou menos integradas” (*ibidem*, p.121), ou seja, o que a criança aprende está intrinsecamente ligado à diversidade de experiências que o ambiente educativo promove, pelo que na sua organização, o educador deve ter em conta a promoção de aprendizagens significativas.

É de extrema importância a exploração que a criança exerce perante os materiais e objetos que integram o espaço promovendo uma multiplicidade de experiências. O

educador deve criar “oportunidades para atuar com/sobre os objetos” (*ibidem*, p.128) devendo estes ser de fácil manipulação, de diferentes tipos de materiais e com uma utilização diversificada, deve também estar implícita uma riqueza experimental tendo as crianças contacto com: água, areia, tecidos, formas e cor, barro, entre outros.

Considero pertinente evidenciar a existência de algumas diferenças entre a creche e o jardim-de-infância, no entanto na pedagogia para a infância o trabalho desenvolvido com crianças “em idade de creche e jardim-de-infância tem fundamentos comuns” (Silva, Marques, Mata, & Rosa, 2016, p.8), havendo uma articulação dos princípios orientadores com a perspetiva como as crianças se desenvolvem e aprendem onde se destaca “a qualidade do clima relacional em que cuidar e educar estão intimamente interligados” (*ibidem*).

As primeiras instituições que os bebés frequentam são designadas por creches sendo que pertencem todas à rede privada, podendo assumir-se como instituição com fins lucrativos, sem fins lucrativos sendo Instituições Particulares de Solidariedade Social (IPSS) ou ainda Instituições de Ensino Particular e Cooperativo. A creche pode ser frequentada pelos bebés desde os cinco meses aos três anos de idade, nela ”deve estar implícita a ideia de prolongamento da casa, da família, da continuidade de cuidados e de estímulo, a manutenção de laços afetivos e sensoriais” (Gomes, et al 1984, p.16), sendo objetivo primordial respeitar a individualidade, o ritmo e as necessidades de cada criança, centrando-se também nos cuidados e no desenvolvimento global de cada uma.

O ambiente da creche deve ser acolhedor e estável, devendo a equipa educativa manter uma relação que transmita confiança e proximidade com as crianças, com o objetivo de promover o seu bem-estar e segurança física. Este ambiente por sua vez já deve ter estabelecido as rotinas diárias de caráter flexível, que permitem desenvolver a segurança e a estabilidade emocional de quem frequenta o espaço educativo.

O trabalho realizado com as famílias deve ser de partilha e cooperação sendo desenvolvido numa perspetiva de complementaridade.

Primordialmente a creche para além de acolher as crianças e de dar continuidade à prestação de serviços consoante as suas necessidades individuais, pretende com o apoio dos adultos que as crianças se sintam seguras num ambiente tranquilizador, onde possam interagir entre si, com os adultos e com os espaços, sempre de forma prazerosa.

As crianças com idades compreendidas entre os três e os seis anos de idade usufruem da educação pré-escolar, sendo que os equipamentos são designados por “(...)jardins-de-infância(...)” (Folque 2014, p.41) podendo estes pertencer à rede pública que dependem “das autarquias e são financiados pelo Ministério da Educação” (*ibidem*) ou à rede privada sem fins lucrativos, (IPSS) ou com fins lucrativos, Instituições de Ensino Particular e Cooperativo.

Formalmente a educação pré-escolar “é complementar e ou supletiva da ação educativa da família, com a qual estabelece estreita cooperação” (Lei de Bases do Sistema Educativo, Lei 46/86 n.º2, artigo 4º), tal como na creche as famílias devem ser cooperantes no trabalho desenvolvido no contexto educativo e vice-versa.

Diariamente no jardim-de-infância as rotinas diárias devem ser planeadas pela equipa educativa de modo a que as crianças tenham conhecimento das mesmas para que possam prever os vários momentos do dia. A equipa, pode alterá-la sempre que necessário, mas importa não esquecer que o conhecimento das rotinas transmite segurança às crianças promovendo a sua adaptação no contexto educativo.

A equipa educativa tem um papel fundamental, deverá manter uma comunicação aberta, apoiando as crianças no decorrer do dia e na resolução de problemas. Os membros da equipa devem tomar decisões em conjunto acerca de todos os acontecimentos e aspetos relacionados com a sala e com as crianças.

O papel do educador é fundamental deve de fomentar o desenvolvimento e a aprendizagem da criança tirando partido do meio social que integra, devendo as escolhas e as perspetivas da criança ser amplamente debatidas e devidamente explicitadas. Desta forma cada criança apreende a forma de defender as suas ideias e a respeitar os outros sendo este um fator fundamental para o desenvolvimento de quem está presente no contexto (crianças e educador).

1.1. Princípios de Organização dos Espaços e dos Materiais na Creche

O “ambiente físico e material de uma creche deverá refletir a crença na competência participativa da criança [de modo a] criar múltiplas oportunidades para o seu bem-estar, aprendizagem e desenvolvimento” (Formosinho & Araújo, 2013, p.93). As salas de

creche devem apresentar ambientes seguros e saudáveis, respondendo às necessidades de bem-estar emocional e físico das crianças e dos adultos, assim como devem promover a aprendizagem ativa das crianças.

Quanto à organização é suposto que a sala de creche apresente áreas diferenciadas relativamente ao jogo e aos cuidados quotidianos. O cuidar e o educar são os aspetos mais importantes da educação de infância, não se pode educar sem prestar todos os cuidados necessários. Destes dois conceitos deriva a palavra *educuidar* que define o serviço prestado à criança nos contextos educativos.

Os espaços destinados ao jogo devem oferecer “múltiplas oportunidades para a exploração, ação e investigação” (*ibidem*, p.94). Um espaço deve constantemente ser (re)organizado e modificado consoante as mudanças de interesses e necessidades das crianças.

Para que as crianças usufruam de um conforto retirando o maior prazer dos espaços, estes devem conter superfícies macias com texturas e cores suaves e luz natural em abundância. Os equipamentos e todo o mobiliário deve ser adaptado ao tamanho das crianças, não esquecendo os adultos. Conforme refere Araújo (2011) citada por Formosinho e Araújo (2013), o espaço deve conter um ambiente idiográfico para que sejam reconhecidas características referentes à identidade e pertença das famílias e das crianças.

Nesta faixa etária a criança aborda o mundo e comunica através da “abordagem sensoriomotora” (Formosinho & Araújo, 2013, p.94), logo, importa que a criança possa experimentar livremente e de acordo com as suas escolhas todo o espaço e materiais da sala de modo a que se sinta intrinsecamente participante.

A ligação da criança com o mundo físico exterior e interior permite um alargamento das experiências de aprendizagem, dando primazia aos contextos que valorizam aspetos relacionados com a identidade pessoal e cultural de cada uma.

1.2. Princípios de Organização dos Espaços e dos Materiais no Jardim-de-Infância

Como referem as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (Silva, Marques, Mata, & Rosa, 2016), os espaços de educação pré-escolar podem ser diversos, pois o espaço educativo não é limitado ao espaço da sala mas deve integrar todo o estabelecimento educativo.

Cabe ao educador, tendo em conta o grupo a organizar o espaço da sala, devendo esta organização centrar-se a flexibilidade sendo “conhecida da criança para que possa desenvolver as capacidades de autonomia e colaboração no âmbito do brincar e aprender” (Formosinho & Gambôa, 2011, p.28). A apropriação do espaço vista pelas crianças permite-lhes fazer as próprias escolhas e utilizar os materiais de diversas formas aliando a criatividade de uma forma mais complexa.

A criação e elaboração de áreas distintas com materiais próprios e adequados a cada uma permite definir uma melhor organização do espaço que facilite a “coconstrução de aprendizagens significativas” (*ibidem*). Como as áreas da sala são promotoras de experiências e aprendizagens a organização do espaço não deve ser “permanente” (*ibidem*), importa que vá sofrendo alterações e integrando novos materiais sempre que necessário, tendo em conta as atividades relacionadas com o Projeto Pedagógico estabelecido pelo educador, bem como a integração de trabalhos e matérias desenvolvidos pelas crianças ao longo do tempo.

A integração de novos espaços e materiais devem corresponder às necessidades do grupo manifestadas no momento, de modo a desafiar as crianças.

O exterior é também um espaço que permite desenvolver a interação social das crianças e o contacto direto com materiais naturais, este tipo de objetos pode ser utilizado na sala permitindo a realização de pesquisas, integrando as diversas áreas de conteúdo que podem ser exploradas quer de forma orientada pelos adultos, quer pela livre escolha das crianças.

Quanto aos materiais a sua seleção “deverá atender a critérios de qualidade e variedade, baseados na funcionalidade, versatilidade, durabilidade, segurança e valor estético” (Silva, Marques, Mata, & Rosa, 2016, p.26). Os materiais naturais (não estruturados) e versáteis ou de uso aberto “são aqueles que podem ser utilizados de várias maneiras”

(Brickman & Taylor, 1996, p.155), tais como: papel, tubos, rolos, corda, cartão, entre outros, são sempre uma boa opção a integrar na sala, pois impulsionam a criatividade e inúmeras aprendizagens.

O tamanho natural dos objetos é fundamental para as crianças criarem uma ligação com o mundo envolvente, é fundamental que as áreas integrem objetos verdadeiros, pois este tipo de materiais é bastante atraente para as crianças e propicia o jogo dramático, normalmente baseado nas suas vivências e experiências.

Por vezes o adulto seleciona materiais específicos tendo em conta as suas intencionalidades e objetivos. O olhar atento por parte do adulto permite através da observação, conceber a organização/reorganização e implementação de áreas e materiais no respeito pelas necessidades das crianças.

As referências culturais são aspetos também a ter em conta na seleção dos materiais a integrar na sala, pois é uma “forma de garantir que o meio físico espelha o ambiente cultural das crianças” (*ibidem*). De referir que este aspeto deve ser desenvolvido em parceria com as famílias, incluindo objetos referentes às diferentes culturas.

2. A Influência dos Modelos Curriculares na Organização dos Espaços e dos Materiais

O modelo curricular e/ou pedagógico é basicamente uma referência teórica para “ conceitualizar a criança e o seu processo educativo [podendo ser tomado como uma referência prática para] pensar antes-da-ação, na-ação e sobre-a-ação” (Oliveira Formosinho, Kishimoto, Pinazza & Cols 2007, p.29), assim o educador pensa, age e reflete relacionando a teoria com a sua prática.

A forma como é organizado o espaço físico da sala num contexto educativo reflete a forma como o educador trabalha evidenciando o modelo curricular com que se identifica (Zabalza, 1992), pois os espaços e a sua organização evidencia de uma maneira direta e/ou indireta o valor e as funções que lhes são dadas, refletindo também nas crianças a forma como interagem ao nível social e comportamental.

2.1. A Organização dos Espaços e dos Materiais na Abordagem High/Scope

“Num programa High/Scope para bebés e crianças pequenas, as pessoas que prestam cuidados organizam e equipam o ambiente de modo a proporcionar às crianças conforto e bem-estar e, ao mesmo tempo, a oferecer-lhes amplas oportunidades de aprendizagem ativa” (Post & Hohmann, 2011, p.100).

Esta metodologia defende que relativamente ao mobiliário e aos materiais, devem estar ao alcance das crianças proporcionando conforto, quer para elas, quer para os adultos. Deve ser tomada em consideração os limites físicos do contexto, permitindo que os bebés e as crianças pequenas consigam “movimentar-se, explorar, criar, comunicar e resolver problemas com tanta liberdade quanto for possível” (*ibidem*), O adulto deve ser atento e disponível para as crianças prestando-lhes a máxima atenção.

Esta abordagem preconiza que os ambientes que integrem bebés e crianças mais novas devem apresentar áreas distintas e delineadas como: zona de preparação de alimentos, zona para comer, para dormir, para a higiene e para vestir e também uma casa de banho. Para além destas áreas delimitadas é importante referir que o restante espaço se destina à exploração livre e/ou orientada e à brincadeira. É de destacar que todas elas devem ser

delimitadas de uma forma bem visível, e até mesmo identificadas com um símbolo ou um nome para que as crianças as possam diferenciar (Brickman & Taylor, 1996).

O número de áreas não está pré-estabelecido, os adultos da sala é que as devem criar baseando-se nas necessidades e interesses do seu grupo. Para que as possam definir e para que possam incluir nelas os materiais “importa observar as crianças - os seus interesses as fases de desenvolvimento e as culturas” (*ibidem*, p.153-154).

As áreas para brincar devem incluir um espaço amplo para as crianças se movimentarem livremente, manipularem os materiais e conviverem socialmente. O espaço deve também incluir uma zona mais privada onde a criança possa permanecer sozinha.

Os espaços destinados a crianças mais velhas devem estar divididos em áreas com nomes simples, normalmente do conhecimento das crianças para uma fácil identificação. Estes, espaços devem ser promotores de brincadeiras sensoriais, construções, teatralizações e jogos simples. Relativamente aos materiais, estes devem sempre que possível ser em “tamanho natural” (*ibidem*, p.154), incluindo sempre alguns materiais “verdadeiros” (*ibidem*), este tipo de materiais é muito atrativo para as crianças pois propicia jogos dramáticos baseados nas suas próprias experiências e vivências. Os materiais devem estar acessíveis às crianças para permitirem uma fácil manipulação e arrumação.

Cada uma das áreas “deve igualmente caracterizar-se por possuir uma dimensão que permita que lá possam brincar as crianças que o desejem” (Hohmann, Weikart, Marujo, & Neto, 1997, p.165). Os espaços devem de ser atraentes, práticos e com materiais diversificados para que as crianças desejem explorá-los na medida em que, no respeito pelos princípios da aprendizagem ativa, os objetos e os materiais devem ser em quantidade apresentando uma grande variedade de possibilidades para as crianças os explorarem e manipularem livremente.

Segundo Hohmann, Weikart, Marujo e Neto, (1997, p.162) é importante que as crianças façam as suas escolhas e tomem as suas próprias decisões, nas diversas áreas os materiais podem estar dispersos e terem finalidades diversas.

A participação e o auxílio do adulto é fundamental para apoiar as crianças nas suas brincadeiras e também para que as crianças sintam seguranças nas suas ações, pois os

adultos “estão permanentemente a observar o que as crianças fazem e usam” (Brickman & Taylor, 1996, p.156) tomando como resultado das suas observações a introdução e alteração das áreas e dos materiais, de modo a adaptar o meio físico das crianças a novos desafios.

2.2. A Organização dos Espaços e dos Materiais no Movimento da Escola Moderna (MEM)

“O Movimento da Escola Moderna (MEM) assenta num Projeto Democrático de autoformação cooperada de docentes, que transfere, por analogia, essa estrutura de procedimentos para um modelo de cooperação educativa nas escolas” (Formosinho, 2013, p.142).

Este modelo pressupõe que os educadores e as crianças participem democraticamente, assente numa comunicação cooperada que promova o desenvolvimento sociocultural das crianças.

O ambiente educativo é organizado e sistematizado pelas crianças em parceria com o educador de forma a criarem condições materiais, afetivas e sociais onde cada um pode adquirir conhecimentos e valores. Desta forma está muito presente a cooperação e a interajuda onde todos aprendem e ensinam.

Todo o processo educativo reforça e valoriza as experiências de vida de cada um, tal como a liberdade que as crianças demonstram na forma como expressam as suas ideias, opiniões e vivências.

No que diz respeito ao espaço educativo, segundo Formosinho (2013, p.150), este deve subdividir-se em seis áreas “básicas de atividades”, contemplando também uma área central polivalente composta por mesas e cadeiras suficientes para todo o grupo onde se realizam alguns momentos do dia (conselho, acolhimento, comunicações, entre outros).

A biblioteca deve ser uma zona confortável e para além de livros e revistas deve integrar trabalhos desenvolvidos pelas crianças no âmbito de algumas atividades e/ou projetos, juntamente ou perto da biblioteca deve existir uma oficina da escrita. Nesta área os materiais devem promover a aprendizagem da escrita. De realçar que, o computador e a impressora devem estar presentes nessa mesma área.

A área das artes deve conter materiais propícios para o desenvolvimento de atividades de artes plásticas, tais como desenho, pintura, modelagem, entre outros.

Na área das construções os materiais podem ser estruturados e não estruturados, sempre acessíveis às crianças, favorecendo o desenvolvimento de brincadeiras planificadas e estruturadas. Estes materiais permitem empilhar e organizar os materiais de forma criativa tentando corresponder a situações vivenciadas dos seus contextos sociais.

A área das ciências deve promover a realização de atividades que impliquem o recurso a medidas de capacidade, peso e medida. Esta área é propícia à observação de objetos, plantas e animais, pelo que tem também implementada alguns materiais de registo de observações.

O “faz de conta”, é uma zona da sala que integra brinquedos propícios para o desenvolvimento do jogo simbólico, neste local existe também um conjunto de adereços que permitem a realização de algumas pequenas dramatizações.

Em todas as áreas os materiais devem ser autênticos e comuns ao quotidiano e de preferência de dimensões reais.

O ambiente geral da sala deve ser agradável e estimulante, as paredes devem servir de expositores para a divulgação das produções das crianças. Preconiza-se também o recurso a um quadro preto à altura das crianças e, ainda, uma zona destinada aos mapas de registo que auxiliem a “planificação, gestão e avaliação da atividade educativa participada por elas” (Formosinho, 2013, p.151).

Capítulo II – Metodologias de Investigação

Neste capítulo apresento as opções metodológicas utilizadas ao longo de toda a investigação desenvolvida.

Apresento o paradigma interpretativo e a investigação qualitativa, a investigação-ação e as técnicas de recursos para recolha e análise de informação utilizados neste Projeto de Investigação.

1. Paradigma Interpretativo

Um paradigma interpretativo é considerado segundo Guba (1990), citado por Aires, (2015, p.18) “um conjunto de crenças que orientam a ação”. Cada paradigma é definido pelas suas características consoante o que pretende o investigador, particularmente pelas “questões que formula e as interpretações que faz dos problemas” (Aires, 2015, p.18). Outra das formas que caracteriza o paradigma interpretativo é o “conjunto aberto de asserções, conceitos ou preposições logicamente relacionados e que orientam o pensamento e a investigação” (Bogdan & Biklen, 1994, p.52).

Toda a investigação é baseada numa orientação teórica permitindo que o investigador sistematize todos os dados de uma forma coerente para que possa ir além “de um amontoado pouco sistemático e arbitrário de acontecimentos” (Bogdan & Biklen, 1994, p.52).

O trabalho de campo é controlado e desenvolvido pelo investigador de modo a interpretar inúmeras situações que vão sucedendo, normalmente situações inesperadas que acontecem “mais ou menos subitamente [com] possibilidades de observação inesperadas, não programáveis” (Silva & Pinto, 1986, p.133). Para além do investigador recolher informação de uma forma direta, retém uma “importante bagagem teórica e metodológica” (Silva & Pinto, 1986, p.134).

Este paradigma de investigação “tem o potencial de permitir o acesso às questões contextuais que dão sentido às conclusões retiradas dos trabalhos de investigação” (J.Walsh, Tobin, & Graue, 2002, p.1040). De referir também que com esta metodologia

se apresenta as conclusões de uma forma acessível a todos os leitores, na medida em que não é propriamente dirigida a especialistas, e “em vez de encarar os educadores de infância como sujeitos da investigação, privilegia as interpretações desses mesmos educadores” (*ibidem*).

2. Investigação Qualitativa

A investigação qualitativa como defende Colás (1998) apresenta várias fases durante o processo de investigação, havendo entre elas a relação entre as estratégias de pesquisa, a teoria, os métodos de recolha e análise de informação, a avaliação e a apresentação de todos os resultados do projeto de pesquisa desenvolvido (*in Aires, 2015, p.14*)

O investigador é o principal interveniente, este desloca-se aos locais de estudo e contacta diretamente com todos os participantes da investigação, despendendo assim de “grandes quantidades de tempo em escolas, famílias, bairros e outros locais tentando elucidar questões educativas” (Bogdan & Biklen 1994, p.47). O investigador é participante pois também observa e participa nas ações no seu ambiente natural, delas extraindo informações pertinentes para o seu estudo, recorrendo aos métodos de recolha de informação, sendo os mais frequentes o bloco de notas e caneta e os registos fotográficos.

Segundo Denzin (1994) todo o decorrer da investigação “vai do campo ao texto e do texto ao leitor” sendo este um “processo reflexivo e complexo” (*in Aires, 2015, p.16*); desta forma a investigação designa-se de qualitativa sendo também descritiva. De referir que, todas as informações surgem como produtos escritos para posteriormente serem analisados.

Os investigadores analisam os seus dados e todas as informações adquiridas de uma forma indutiva, os dados recolhidos não têm o “objetivo de confirmar ou infirmar hipóteses construídas previamente; ao invés disso, as abstrações são construídas à medida que os dados particulares que foram recolhidos se vão agrupando” (Bogdan & Biklen, 1994, p.50). Todo este processo vai ganhando forma à medida que são analisadas as partes dos elementos recolhidos.

Uma das características pertinentes da investigação qualitativa está relacionada com o interesse que os investigadores têm mais pelo processo da investigação do que pelos resultados que obtêm.

O significado das interações observadas pelo investigador tem grande importância, focando-se na forma como as pessoas dão sentido às suas vivências. Conforme afirmam Bogdan e Biklen (1994, p.51) o investigador “ ao aprender as perspetivas dos

participantes, a investigação qualitativa faz luz sobre a dinâmica interna das situações” (*ibidem*); esta dinâmica não é nem pode ser observável por um observador externo ao contexto.

Este tipo de investigação encontra-se subdividida em três tipos diferentes: a investigação avaliativa e decisória que consiste em “proceder à descrição e avaliação de um determinado programa de mudança” (*ibidem*, p.266) de forma a melhorar algo, a investigação pedagógica onde o investigador é o especialista educacional que tem proximidade com a prática e utiliza a investigação para melhorar aquilo que faz e por último a investigação-ação através da qual o investigador recolhe informações com o objetivo de desenvolver uma mudança social.

Este trabalho enquadra-se neste último tipo de investigação.

3. Investigação- Ação

“ A investigação-acção [...] é fundamental na abordagem qualitativa [...] dado que o objectivo principal da investigação aplicada é a acção” (Bogdan & Biklen, 1994, p.300).

Num contexto educacional os investigadores sob forma de hipóteses ou de questões a investigar formulam o objetivo do seu estudo, seguindo critérios estabelecidos na ordem metodológica gerem a sua própria investigação. (Bogdan & Biklen, 1994).

Deste modo a “investigação-acção consiste na recolha de informações sistemáticas com o [intuito] de promover mudanças sociais [...] com o objetivo de apresentar recomendações tendentes à mudança” (*ibidem*, p.292).

De acordo com Olson (1996) um dos factos relativamente à investigação-ação é que esta é intencional, pois há uma intenção na investigação e em tudo o que a envolve (*in* Esteves, 2008, p.38).

Neste tipo de investigação o investigador envolve-se totalmente de uma forma bastante ativa na causa a investigar conjuntamente com os outros intervenientes e participantes da investigação sendo um processo cooperado.

A mudança das práticas é o objetivo primordial do investigador, quando este de uma forma sistemática e metódica recolhe dados e informações no contexto social, que podem ser obtidas de diferentes formas que ajudam inteiramente o investigador a tornar objetiva a sua observação.

O investigador por sua vez tem de demonstrar um carácter empenhado para encarar os desafios e os problemas de modo a chegar à sua resolução (*ibidem*, p.296-297). A procura exaustiva de informação, quer através das recolhas que faz, quer na pesquisa em documentos, quer através das questões que coloca aos intervenientes e a si próprio acerca da investigação torna o trabalho mais enriquecedor e deste modo é a *chave* para a mudança.

Em suma, enquanto futura profissional da educação concordo inteiramente que é “da nossa responsabilidade e é a nossa função tentar compreender essa evolução pela investigação, pela inovação, na nossa acção” (Ambrósio 2001, p.13).

4. Técnicas e Recursos de Recolha e Análise de Informação

4.1. Observação Participante

“O principal instrumento de pesquisa é o próprio investigador e os principais procedimentos são a presença prolongada no contexto social em estudo e o contacto directo, em primeira mão, com as pessoas, as situações e os acontecimentos” (Silva & Pinto 1986, p.137).

A participação do investigador decorre de uma forma gradual e moderada, primeiramente o investigador procura uma aceitação por parte dos intervenientes limitando-se somente a uma observação, à medida que desenvolve uma relação torna-se participante nas ações (Bogdan & Biklen, 1994).

No decorrer de toda a investigação o investigador investe na participação através do seu estudo, isto é, deve de participar somente quando necessário devendo “calcular a quantidade correta de participação” (*ibidem*, 1994, p.125).

O observador participante é um observador direto no contexto social de estudo, a sua presença deve ser repetida inúmeras vezes em diversas atividades e conversas com as pessoas pertencentes e inerentes ao contexto, este tipo de ações têm um “elevado índice de interferência” (Silva & Pinto, 1986, p.137).

Particularmente, as conversas informais, na medida em que são situações sociais que decorrem na presença do investigador e que têm grande impacto no processo social de toda a pesquisa (*ibidem*).

4.2. Notas de Campo

As notas de campo são um instrumento fundamental para a observação participante, podem ser um complemento bastante importante de outros métodos e formas de recolha de informações. Estas notas de carácter pessoal são fundamentais para o investigador.

Durante os quatro períodos de estágio efetuei as minhas próprias notas de campo diariamente. Como afirmam Bogdan e Biklen (1994) as notas de campo devem ser

obtidas de uma forma detalhada, extensivas e bastante precisas. As mesmas são “ o relato escrito daquilo que o investigador ouve, vê, experiencia e pensa no decurso da recolha e refletindo sobre os dados de um estudo qualitativo” (*ibidem*, p.150). E efetuei registos concisos assinalando sempre a data, o momento e o contexto em que se desenrolava a ação, o local e a descrição dos intervenientes. Todas as notas de campo foram organizadas num pequeno caderno de bolso que mantinha sempre por perto e registadas posteriormente no computador (Ver Apêndice I, Nota de Campo, 19 de novembro de 2015).

As notas de campo podem ser constituídas por dois tipos: o tipo descritivo, definido por “captar uma imagem por palavras do local, pessoas, ações e conversas observadas” (*ibidem*, p.152), havendo da parte do investigador um maior esforço para efetuar este tipo de registo por ser de caráter mais extenso e detalhado.

O outro tipo é o reflexivo, “apreende mais o ponto de vista do observador, as suas ideias e preocupações” (*ibidem*). Normalmente surgem em sequência do material descritivo, este tipo de registo é de caráter mais pessoal onde são transmitidos “sentimentos, problemas, ideias, palpites, impressões e preconceitos” (*ibidem*).

4.3.Registo Multimédia - Fotografias

O registo fotográfico de acordo com Bogdan e Biklen (1994) está inteiramente relacionado com a investigação qualitativa, simplificando a recolha de informação obtida pelo investigador participante.

As fotografias na maioria das vezes são utilizadas como “um meio de lembrar e estudar detalhes que poderiam ser descorados” (*ibidem*, 1994, p.189), de forma a obter inúmeras informações descritivas para uma posterior reflexão, sendo esta utilizada na investigação educacional qualitativa.

Na investigação educacional qualitativa existem dois tipos de fotografias: as que o investigador obteve e as que foram obtidas por outros intervenientes.

Durante o meu percurso de estagiária tive oportunidade de recolher inúmeros registos fotográficos: das crianças, das suas ações, da sala, de algumas atividades, entre outros.

Esses mesmos registos foram fundamentais para mais tarde poder analisar detalhadamente situações vividas, como também descrever alguns momentos de forma mais precisa.

Alguns desses registos foram mobilizados para trabalhos no âmbito das Unidades Curriculares do Mestrado em Educação Pré-Escolar, e também para o presente Relatório de Investigação.

4.4. Análise Documental

Na investigação educacional pode-se obter informações a partir de documentos, que são de dois tipos: os documentos oficiais (internos ou externos) que nos facultam informações acerca das instituições, a forma como se organizam, o seu funcionamento e como são lideradas e os documentos pessoais que nos transmitem informações produzidas pelos próprios sujeitos que são descritivas das suas próprias vivências, experiências, ações e expectativas (Aires, 2015).

Nos meus contextos de estágio tive oportunidade de consultar documentos internos de ambas as instituições, nomeadamente os Projetos Educativos e Pedagógicos, mas também sempre que solicitava tive possibilidade de contactar diretamente com documentos elaborados pelas educadoras. Esse tipo de contacto com os documentos facultados foi fundamental para poder desenvolver alguns dos meus registos e produtos para fins académicos.

De acordo com Silva e Pinto (1986), a consulta deste tipo de documentos pode-nos facultar informações pertinentes difíceis de alcançar por vezes somente através da observação, pois esta é considerada mais morosa.

Capítulo III – Apresentação e Interpretação da Intervenção

Neste capítulo apresento a caracterização das instituições de estágio (Instituição A, referente à Creche e Instituição B, referente ao Jardim-de-Infância). Descrevo as instituições, os grupos de crianças e as salas e sua organização quanto ao espaço e materiais.

De referir que o Estágio I refere-se ao 1º ano de mestrado e Estágio II refere-se ao 2º ano de Mestrado.

Por último evidencio as intervenções que realizei, focando os aspetos pertinentes que influenciaram as minhas intervenções e a forma como as desenvolvi.

1. Instituição A – Creche

O estágio decorreu numa Instituição Particular de Solidariedade Social, IPSS, que visa dar respostas sociais e educativas à comunidade.

A instituição pertence à freguesia de São Sebastião, concelho de Setúbal e a sua zona envolvente, caracterizada por uma zona urbana. Os estabelecimentos comerciais e escolas de 1º e 2º e 3º ciclo e secundárias, também predominam neste local, sendo considerada uma zona da cidade de fácil acesso. É uma instituição de grandes dimensões, abrangendo diferentes áreas de intervenção: Área de Crianças e Jovens com as valências de creche, jardim-de-infância, e Centro de Atividades de Tempos Livres (CATL), Área de Idosos, Área de Saúde, Área de Desporto e Rendimento Social de Inserção (RSI).

1.1.O Contexto

A creche é constituída por três salas, a sala de 1º berçário que tem capacidade para oito bebés. A sala de 1/2 anos que tem capacidade para treze bebés e a sala de 2/3 anos que tem capacidade para dezoito. Esta, sala integra casa de banho adaptada à idade das crianças.

A copa de leites da creche é exterior às salas, sendo comum às mesmas.

As equipas pedagógicas de todas as salas de creche são constituídas por uma educadora de infância e duas ajudantes de ação educativa.

A creche segundo o Projeto Educativo tem como objetivo de garantir às famílias todo o apoio necessário num ambiente agradável, respeitando os cuidados e as necessidades das crianças num ambiente adaptado para terem um crescimento saudável. Para promover todo o bem-estar das crianças, estas diariamente estão acompanhadas por profissionais de educação com formação adequada de modo a responder a todas as necessidades das mesmas.

Todo o trabalho educativo da instituição depende da equipa que o gere diariamente. A Área de Crianças e Jovens tem uma diretora comum a todas as valências, a mesma semanalmente reúne a equipa pedagógica (diretora, educadoras e animadoras).

1.2.O Grupo de Crianças

Neste ponto caracterizo dois grupos de crianças referentes ao Estágio I e ao II, ambos decorridos em Creche.

Estágio I em Creche – Sala 2

No primeiro momento de estágio a sala 2 integrava um grupo de doze crianças tendo capacidade para treze.

O grupo era heterogéneo, pois os bebés tinham idades entre os oito e os vinte e um meses (idades no mês de setembro, início do ano letivo), composto por sete crianças do sexo feminino e cinco crianças do sexo masculino.

Devido à heterogeneidade do grupo puderam ser observados diversos comportamentos, que de certa forma podiam revelar diferentes níveis de aprendizagem das crianças.

Conforme a educadora refere no Projeto Pedagógico da sala, os bebés mais pequeninos manifestam comportamentos diferenciados a vários níveis (psicomotor, cognitivo, linguístico, afetivo e social), sendo ainda mais dependentes do adulto, apesar de

demonstrarem já alguma autonomia nas suas ações, mesmo sem terem adquirido a marcha.

Os bebés mais crescidos apresentam características diferentes, as suas aprendizagens já se revelam mais complexas, o facto de terem adquirido a marcha faz com que explorem a sala e os objetos com mais atenção, verbalizam algumas sílabas e conseguem realizar alguns jogos simples. Quanto à sua capacidade de atenção conseguem ouvir uma pequena história e canções mais longas, imitam os gestos executados pelos adultos.

A curiosidade é uma característica do grupo, apesar de existirem algumas diferenças significativas entre eles, todos gostam de explorar objetos e novas atividades, a música é uma atração coletiva.

É comum a todos os bebés da sala uma forte ligação física com os adultos, destacando-se as características e as necessidades de cada bebé.

Estágio II em Creche – Sala 3

No segundo momento de estágio a sala 3 conta com a presença assídua de dezasseis crianças com idades compreendidas entre os dois e os três anos de idade. Destas, doze já integravam o grupo no passado ano letivo.

Apesar de três crianças se encontrarem em fase de adaptação o grupo demonstrava-se tranquila na generalidade em todos os momentos da rotina do dia.

As crianças manifestavam autonomia nas suas ações diárias. O grupo era homogéneo relativamente ao seu desenvolvimento motor e cognitivo o que facilitava o desempenho da educadora nas suas propostas de atividades.

Três crianças estavam em fase de adaptação, uma ainda não se demonstrava adaptada ao grupo e às rotinas. As outras duas de uma forma geral já se encontravam devidamente adaptadas.

A educadora referiu que este grupo a tem surpreendido pela positiva, sendo um grupo equilibrado e muito tranquilo, tem uma relação recíproca com todos os adultos da sala o que é um aspeto positivo e facilitador para desenvolver um trabalho diário proveitoso em todos os momentos do dia.

Pode ser visível a autonomia das crianças em todas as interações que possuem durante os vários momentos da rotina, principalmente nos momentos das refeições e de higiene, todas as crianças da sala exceto uma (em fase de adaptação), pedem para ir à casa de banho não usando fralda durante o dia, salvo algumas que utilizam durante o período da sesta. Algo que a educadora também se orgulha em referir: “quase não fiz nada para tal, apenas uma ou duas crianças já não usavam fralda e as restantes ao observarem o uso da casa de banho por iniciativa própria também quiseram usar” (Notas de Campo, 27 de outubro de 2016).

No geral é um grupo desperto para a mudança, adquirindo com facilidade todas as competências em tempo adequado, sendo este trabalho desempenhado em parceria pela equipa pedagógica e as famílias.

1.3. A Sala

Neste ponto descrevo de forma global as salas apresentando também as plantas das mesmas, referentes ao Estágio I e ao Estágio II, ambos decorridos em Creche. E como subpontos caracterizo-as quanto à organização do espaço e dos materiais.

Estágio I em Creche – Sala 2

Enquanto estagiária, as minhas observações foram atentas ao nível do espaço, das estruturas e dos materiais.

A educadora tem implícito no seu trabalho diário em sala, a abordagem High Scope, tentando respeitar os seus princípios. Como referem Post e Hohmann (2011), inicialmente para que a criança tenha um processo evolutivo ao nível do desenvolvimento físico e cognitivo, da comunicação e das interações sociais, o ambiente em que a criança convive deve ser pensado e estruturado para esse fim.

A educadora dá especial atenção às características do grupo e às suas necessidades quer globais e individuais, a abordagem High Scope está presente no espaço educativo, pois segundo a educadora segue uma orientação construtivista permitindo diferentes aprendizagens através da ação das crianças. O ambiente é organizado de forma a proporcionar às crianças pequenas o conforto e o bem estar, permitindo possibilidades de aprendizagem ativa (Post & Hohmann, 2011). Outro dos interesses da educadora é

permitir que as crianças através da exploração dos objetos e dos materiais da sala de uma forma livre e espontânea desenvolvam a capacidade de autonomia, também é muito valorizada a relação e o apoio prestado pela educadora e pela restante equipa.

O trabalho desenvolvido baseia-se também na perspectiva da autora Horn (2004), onde é visível a liberdade que as crianças têm na escolha dos materiais, bem como na iniciativa de escolher e realizar pequenas atividades/brincadeiras.

Ao longo da minha observação pude verificar inúmeras alterações no espaço e nos materiais disponíveis, essas alterações/modificações partiram das necessidades das crianças que gradualmente foram observáveis (Ver Apêndice II, Notas de Campo de 16 de novembro de 2015).

As crianças destas idades, um e dois anos, sentem grande necessidade de nas suas brincadeiras imitarem o real, pois já têm algumas conceções do mundo que as rodeiam. Quando iniciei o meu estágio a sala não incluía a área da casinha, mas as crianças já demonstravam interesse em brincar com alguns objetos presentes na sala (pratos, colheres, etc), logo, a educadora dando resposta a essa necessidade das crianças implementou na sala essa mesma área.

As mesas das refeições também foram modificadas algumas vezes durante o decorrer do estágio, a maioria do grupo já se sentava à mesa para tomar a refeição, apenas duas das crianças (as mais novas) ainda comiam nas cadeiras altas sendo estas mais seguras e confortáveis para manterem uma postura adequada.

A área global da sala não apresenta grandes dimensões, apresenta cores agradáveis e tem bastante luz natural. O mobiliário e os equipamentos (estantes, mesas, cadeiras, etc) são à altura das crianças, salvo uma estante, um móvel de gavetas e um armário com portas que se destinam para a arrumação de objetos utilizados pelos adultos, também alguns materiais de desgaste pertencentes à sala.

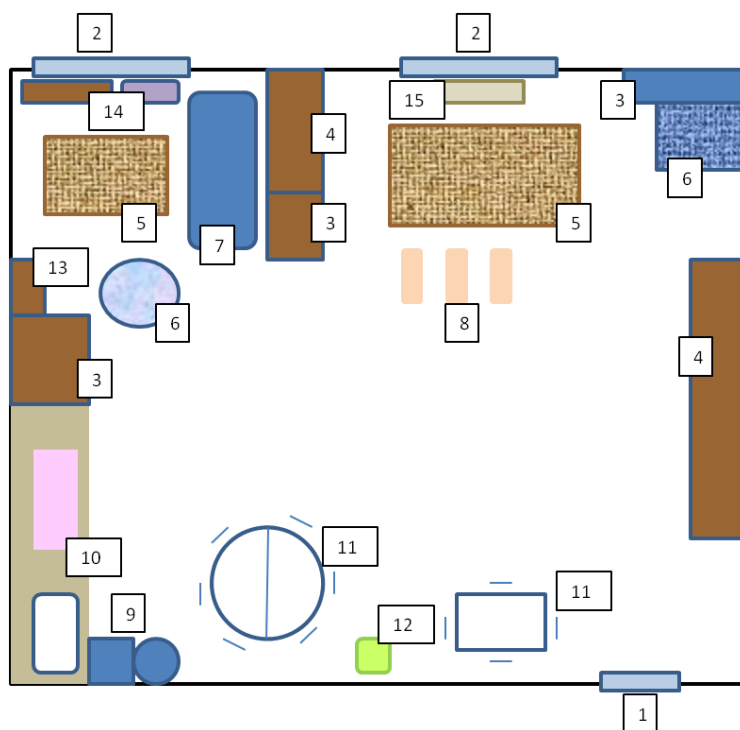
A organização da sala integra áreas distintas para a higiene e os cuidados das crianças, e para as brincadeiras, há uma zona livre de estantes e mobiliários que permite as crianças circularem pela sala à vontade Post e Hohmann (2011).

A educadora nos seus momentos de reflexão acerca da sua prática tem em conta um aspeto bastante pertinente, a modificação da sala. Normalmente identifica aspetos relacionados com a exploração dos espaços e a sua organização.

Sempre que necessita de realizar alguma mudança ou pequena alteração, desafia as crianças para serem intervenientes. Desta forma elas “ajudam” a modificar o espaço onde por vezes apenas só mudam os objetos de sítio, desta forma a criança “não desorganiza a estrutura do seu pensamento” (Educadora Cooperante de Creche, V. Apêndice III, Nota de Campo de 9 de dezembro de 2015).

Após as pequenas mudanças realizadas na sala é visível que as crianças ficam mais interessadas e motivadas para a exploração dos objetos e dos materiais, minimizam-se os conflitos e a desarrumação efetuada por elas, isto é, observei que as crianças exploraram sempre uma determinada zona da sala ou os mesmos objetos passam com frequência a fazer explorações sem sentido.

Abaixo apresento a planta da sala e a respetiva legenda.



Legenda:

- 1- Porta
- 2- Janelas
- 3- Armário com portas/gavetas
- 4- Estante baixa
- 5- Mantas/Tapetes
- 6- Tapetes de atividades
- 7- Catres (empilhados)
- 8- Espreguiçadeiras
- 9- Caixotes do lixo
- 10- Bancada com lavatório e muda fraldas
- 11- Mesas com cadeiras
- 12- Cadeira alta
- 13- Estante com livros
- 14- Área da casinha
- 15- Baú/Banco

Ilustração 1- Planta da sala 2- Creche

Estágio II em Creche – Sala 3

O segundo período de estágio decorreu na mesma instituição, mas numa sala diferente da primeira, relativamente à sala e à sua organização a educadora mantém as suas perspetivas tendo em conta as necessidades e os interesses das crianças primordialmente, no entanto organiza o espaço consoante os materiais que tem ao seu dispor. Como já referido no estágio anterior, a educadora considera que é indispensável a presença das crianças na sala (Educadora Cooperante de Creche, V. Apêndice III, Nota de Campo de 9 de dezembro de 2015).

Esta sala destaca-se da anterior por ter, casa de banho com equipamentos adaptados à faixa etária das crianças. Os equipamentos à medida das crianças são uma mais-valia pois as crianças encontram-se em fase de transição das fraldas. É ainda na casa de banho que a educadora e as auxiliares da sala guardam e procedem à higiene dos babetes de plástico para os momentos das refeições.

Relativamente à sala, apresenta uma grande área mas o seu formato (aspeto visível na planta da sala apresentada abaixo) dificulta a organização do espaço de modo a criar áreas distintas integradas e bem organizadas.

Todos os móveis são adaptados à faixa etária das crianças, as crianças têm os materiais ao seu alcance, e demonstram facilidade em se deslocarem na sala apresentando autonomia suficiente para irem buscar os materiais do seu interesse. Para uma melhor compreensão da descrição da sala apresento a planta abaixo com a respetiva legenda.

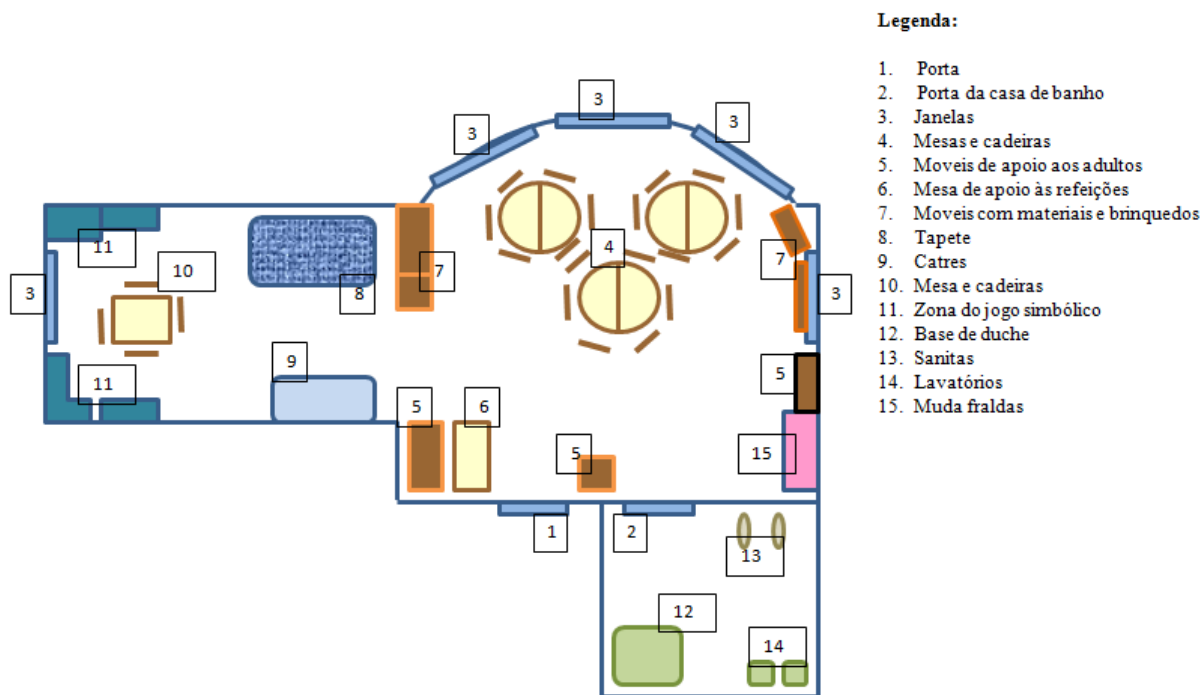


Ilustração 2- Planta da sala 3- Creche

1.3.1. A Organização do Espaço e dos Materiais

Estágio I em Creche – Sala 2

A sala 2 possui uma zona destinada à higiene e à alimentação (números 9, 10 e 11) das crianças. A higiene é feita na bancada que é composta por um lavatório e um muda fraldas, que integra gavetas destinadas à guarda dos objetos pessoais de cada uma das crianças. Perto da bancada estão dois caixotes de lixo (número 9), um destinado para colocar as fraldas e o outro para o lixo comum.

Existem três mesas, dez cadeiras adaptadas ao tamanho das crianças e uma cadeira alta, todas são utilizadas nos momentos das refeições, servindo também de apoio para algumas atividades propostas pela educadora.

Na sala existem algumas zonas distintas, para as crianças explorarem livremente. As estantes (número 4), são baixas com prateleiras ao alcance das crianças, possuem jogos e diversos materiais manipuláveis (por exemplo: brinquedos didáticos com e sem sons, jogos em madeira, blocos de encaixe, entre outros).

No chão há mantas em duas zonas da sala (número 5), uma destina-se aos momentos de grande grupo, e a outra situada na área da casinha, apoia os momentos de exploração livre.

Existe ainda uma pequena estante que contém na sua grande maioria livros de imagens e outros incluem pequenos textos. Todos os livros estão ao alcance das crianças, local também muito explorado pelas crianças da sala, o interesse era preferencialmente pelos livros com imagens de animais. A autonomia das crianças permitia que solicitassem um adulto da sala para explorar o livro com elas.

Na sala existem tapetes didáticos de um material esponjoso, macio e leve, que contém números, letras e imagens. São bastante atrativos para as crianças pela cor e textura do material.

Todos os materiais destinados às crianças estão ao seu alcance, materiais da educadora e outros para a realização de tarefas propostas pela mesma como: colas, tintas, tesouras, entre outros, encontrando-se em gavetas fechadas ou em estantes mais altas.

A zona central da sala encontra-se livre com o intuito das crianças poderem ter uma liberdade de movimentos, esse espaço é muito explorado nas brincadeiras sociais. Aqui a segurança é um aspeto fundamental com o objetivo primordial de as criança poderem “usar as coisas e movimentar-se pelos espaços sem perigos” (Zabalza, 1992, p.125), promovendo um ambiente sala rico e seguro.

A variedade e a diversidade dos materiais é um aspeto fundamental permitindo minimizar os conflitos e aumentando o interesse das crianças pela exploração livre.

A arrumação da sala é feita de uma forma participativa, ou seja, as crianças são desafiada e motivadas a arrumar a sala sempre com o apoio e reforço positivo prestado pelos adultos da equipa pedagógica da sala.

Grande parte do dia as crianças permanecem na sala, salvo quando vão ao exterior ou ao ginásio da instituição. Todos os momentos da rotina diária desde o acolhimento, higiene, alimentação, repouso, atividades, exploração livre, entre outros são efetuados no interior da sala.

Um dos momentos que causa algum transtorno diário é o facto de as crianças dormirem na sala o que requer um esforço por parte da equipa pedagógica na reorganização da sala antes do almoço e, antes do lanche (número 7).

Estágio II em Creche – Sala 3

A sala tem luz natural proveniente de janelas grandes (número 3). De referir que as janelas são uma grande atração para as crianças que observam o exterior e criam interações com quem comunica com elas. E estas grandes janelas estão construídas segundo as normas de segurança não tendo possibilidade de se abrirem.

Existem armários (número 7) à altura das crianças onde se encontram jogos, blocos de encaixe e vários brinquedos. O facto de estes armários se situarem perto das mesas (número 4) permite que as crianças as utilizem como mesas de apoio para as suas brincadeiras livres, ou para o apoio ao desenvolvimento de atividades propostas pela educadora.

Do lado direito da sala está organizada a área da casinha (números 10 e 11) onde as crianças desenvolvem o jogo simbólico e nas suas interações representam momentos vividos no quotidiano.

Devido à falta de espaço (V. Apêndice IV, Nota de Campo de 30 de outubro de 2016), os catres (número 9) diariamente são montados no momento do repouso e posteriormente são novamente empilhados sem possibilidade de saírem da sala.

Representado pelo número (8) está o tapete, onde a educadora desenvolve pequenas atividades em grande grupo, canta canções, mostra-lhes alguns objetos e também conta histórias. A zona do tapete é uma zona muito procurada pelas crianças da sala, para além de ter um tapete/manta no chão tem também inúmeras almofadas fazendo dela uma zona mais confortável.

1.4. Intervenção – Implementação de Novos Materiais na Sala

Estágio I em Creche – Sala 2

Na fase inicial do primeiro estágio em creche procurei encontrar alguma situação em sala ou no trabalho desenvolvido pela educadora e pela equipa que, por um lado, estivesse relacionado com a temática a trabalhar e que, por outro, necessitasse de intervenção com vista a uma melhoria na prática educativa.

Fui conhecendo o espaço e o grupo, interagindo com as crianças para criar uma relação mais segura com as mesmas, sempre atenta ao trabalho desenvolvido pela educadora e pela equipa em todos os momentos do dia. À medida que me fui envolvendo com as crianças e com o espaço educativo fui-me sentindo integrada tomando atenção a todas as ações das crianças, tendo em conta as suas explorações, tal como os objetos e materiais que exploravam diariamente nos diferentes momentos do dia, mas de um modo muito especial nos momentos de exploração livre.

Observei ainda as atividades planificadas pela educadora, todas elas de carácter sensorial. A educadora promovia este tipo de atividades pois identificava-se com o facto de as crianças poderem explorar diretamente materiais, objetos e/ou produtos presentes no quotidiano das crianças, tendo em conta sempre aspetos relacionados com a segurança e o bem-estar de cada uma das crianças e do grupo, dando especial atenção na seleção dos materiais a utilizar.

O recurso à utilização deste tipo de materiais justifica-se pela faixa etária das crianças, já que se encontram no estágio de desenvolvimento sensório-motor e necessitam de uma diversidade de atividades e de uma vasta exploração de materiais para promoverem o seu desenvolvimento, quer ao nível cognitivo mas também ao nível da motricidade. Tal como referem Papalia e Olds. (1981), conforme a criança vai interagindo com o ambiente vai desenvolvendo as suas capacidades paralelamente com a sua maturação promovendo, assim, uma melhoria no seu comportamento motor.

Relativamente ao espaço da sala e aos seus materiais, a educadora cooperante demonstrava-se bastante atenta, modificava-o sempre que necessário e tal ficou evidente nas observações realizadas. À medida que eu observava alguma situação pertinente nas explorações das crianças com os materiais ou até mesmo nas suas ações e na exploração

da sala, partilhava com a educadora levando a que formulasse algumas questões acerca das mesmas.

A educadora manteve sempre comigo uma postura, atenta e de constante partilha, deixando-me à vontade para colocar todas questões e tentar resolver diversas situações na procura de uma melhoria constante. Por vezes aproveitava os momentos de reflexão cooperada que decorriam semanalmente para a questionar e identificar situações relativamente à temática a trabalhar na sala.

Sempre que oportuno mantínhamos algumas conversas informais de modo a esclarecer as dúvidas que iam surgindo.

É importante referir que alguns dos materiais implementados na sala como brinquedos, jogos, etc, transitaram da sala anterior, isto é, as crianças ao transitarem da sala de berçário para esta sala. Para que as crianças se sentissem mais integradas, a educadora trouxe alguns materiais com que contactavam diariamente.

Contudo foi evidente que as crianças demonstravam interesse por materiais novos, ou diferentes dos existentes na sala. Sempre que a educadora colocava na sala um novo material (levado por ela ou pertencente à sala mas que se mantinha ainda arrumado), a educadora e a restante equipa apoiavam as crianças quer nas suas explorações fomentando as relações sociais entre elas, quer promovendo novas interações entre os novos materiais e as crianças.

Em parceria com a educadora cooperante, optámos por gradualmente ir retirando alguns dos materiais que transitaram do berçário e que se encontravam na sala. Inicialmente retirámos os brinquedos que se encontravam repetidos, e sempre que oportuno introduzíamos de novos materiais. Neste sentido, e atendendo ao projeto de investigação planeámos a introdução na sala de novos materiais construídos para o efeito.

Assim, os materiais foram construídos de modo a dar a oportunidade às crianças de conhecerem e contactarem com materiais diversificados provenientes do seu dia-a-dia. Na sua conceção tive em conta o espaço educativo mas também os espaços exteriores ao contexto educativo de modo a enriquecer o mundo que as rodeia, já que parti do princípio que não só os materiais e brinquedos convencionais e que pertencem a um “mundo estereotipado”, que fazem parte do mundo das crianças. Este aspeto foi tido em

conta em todas as minhas intervenções por serem fundamentais no desenvolvimento do projeto.

Passarei, agora, a descrever a minha intervenção:

Garrafas sonoras e coloridas

Planeei levar para a sala um conjunto de garrafas, sonoras e coloridas, respeitando critérios de segurança e ergonomia. As garrafas eram em plástico, pequenas e mais estreitas ao centro para que as crianças conseguissem agarrar e manusear com



Foto 1- Garrafas sonoras e coloridas

facilidade, tive a especial atenção em colar as tampas de modo que as crianças não as abrissem independentemente do material que estivesse no seu interior.

Na totalidade as garrafas eram sete, as sonoras eram apenas três, uma continha no interior uma rolha de cortiça, a outra uma pequena quantidade de arroz e a outra de massas espirais. Estes materiais permitiram criar sonoridades diferentes conforme o material que continham. Este material permitiu, aos adultos, aproveitar todas as oportunidades e, às crianças tirar partido das particularidades sonoras que os objetos têm, pois, tal como refere Borràs (2002), é através do escutar que a criança descobre a diversidade de sons.

Desde muito cedo que os bebés contactam com a cor, pois esta está presente em todos os espaços, materiais e objetos do quotidiano, quer no espaço educativo quer no seu contexto familiar. Assim optei por colorir quatro garrafas. Todas continham água tingida com corante alimentar de diferentes cores - verde, azul, vermelho e amarelo -, purpurinas e alguns elementos em plástico da cor respetiva da água. A água, quando agitada, mistura-se com os materiais e despertaram a curiosidade das crianças, promoveram a calma e o relaxamento devido ao efeito visual desafiador dos materiais.

A principal intencionalidade desta atividade é a promoção de explorações aliadas ao desenvolvimento cognitivo e motor e ao despertar dos sentidos. Como afirma Montessori a educação sensorial deve ser percebida como uma diversidade de sensações estabelecidas por vários estímulos, onde os órgãos dos sentidos são apreendedores do

que o mundo exterior nos proporciona (*in* Oliveira-Formosinho, Kishimoto, e Pinazza, 2007).

No dia trinta de novembro de 2015, logo pela manhã aproveitei o momento de tapete dinamizado pela educadora cooperante para implementar a atividade das garrafinhas na sala, levando comigo para o tapete um saco com as mesmas no seu interior e evocando frases simples de forma expressiva de modo a despertar nas crianças a curiosidade para espreitarem o saco e retirarem as garrafas (V. Apêndice X- Episódio 1). Deste modo consegui captar a atenção das crianças do grupo com os novos materiais e promover um momento de descoberta e exploração tendo em conta todas as sensações que as garrafas proporcionavam.

Foi perceptível o interesse das crianças e o envolvimento que manifestaram, ao longo de todo o dia, e ao longo de todo o estágio, fui observando o interesse e as interações das crianças com os novos materiais. As garrafas passaram a fazer parte do seu quotidiano e podiam ser encontradas em qualquer parte da sala. Passo a analisar um momento de envolvimento de uma criança com as garrafas.

A criança levou consigo três garrafas e isolou-se das restantes crianças “escondida” numa estante da sala. Observei durante aproximadamente cinco minutos consecutivos, uma intensa exploração com as garrafas enquanto as manipulava. Sentada dentro da abertura da estante foi colocando em “pé” as garrafas e posteriormente com as suas mãos derrubava-as, seguidamente colocava-as, uma a uma, atrás das costas e retirava-as. Estas ações foram repetidas inúmeras vezes, a criança retirou prazer nas suas ações e interações com as garrafas, realizando uma experiência consigo mesmo fazendo desaparecer os objetos.

A exploração que a criança fez das garrafas coloridas, permite que, pouco a pouco, no contacto direto com objetos de cor a criança possa ir conhecendo as cores e reconhecendo as suas diferenças, por exemplo, relativamente às cores claras e/ou escuras. Nesta situação particular o adulto não teve intervenção mas caso acontecesse poderia ir referindo as cores das garrafas à criança.

O facto de a criança ir colocando as garrafas de pé e posteriormente as derrubar, estava a testar as suas propriedades, o que o objeto permitia fazer, para além de ser colocado

nestas duas posições, as garrafas ao serem derrubadas o líquido colorido no seu interior era agitado e criava um impacto visual mais alicianete para a criança.

Quando a criança colocava as garrafas para trás do seu corpo estava a testar a permanência e ausência dos objetos, simulando que os fazia desaparecer. Este tipo de interação direta com os objetos permite à criança apreender o mundo de uma forma natural acontecendo sempre quando brincam de “forma ativa- sozinhas ou com outras crianças” (Brickman & Taylor, 1996, p.151).



Foto 2- Criança a colocar as garrafas em pé



Foto 3- Criança a derrubar as garrafas



Foto 4- Criança a colocar as garrafas atrás das costas

Cortina de Fitas

Tendo em conta o meu projeto de investigação, centrei-me, como já referi, nos espaços e materiais da sala, observando a ação das crianças na relação com um dos móveis da sala, nomeadamente uma estante aberta de pequena dimensão e sem prateleiras na zona junto ao chão, que se encontrava num local mais recatado da sala.

Observei várias vezes que as crianças entravam e saíam da estante como forma de se esconderem ou isolarem, reforçando o que defendem Post e Hohmann (2011, p.103) “crianças muito pequeninas precisam de



Foto 5- Criança sentada na abertura da estante

espaços privados”. Por vezes faziam-no sozinhas ou a pares. Questionei a educadora que referiu que a “estante está colocada na sala deste modo de uma forma propositada” (V. Apêndice V, Nota de Campo de 4 de novembro de 2015), porque as “crianças têm necessidade de um espaço isolado onde possam usufruir de momentos de interioridade como também nesta idade a criança começa a ter uma noção precoce de espaço”(ibidem).

A utilização da estante como espaço de brincadeiras permite à criança desenvolver noções precoces de espaço. A opção da educadora advém da sua conceção que as crianças em creche devem de ter o máximo de materiais, espaços e experiências diversificadas.

Apesar de estar bem situada e de ser um local bastante procurado pelas crianças, considerei que as crianças necessitavam de poder ter mais espaço para desenvolverem interações sociais com os seus pares de uma forma mais confortável e com mais mobilidade. Em parceria com a educadora reorganizei a sala de modo a disponibilizar uma zona para esse fim, tendo como finalidade criar um espaço que permitisse ser explorado por mais de uma criança em simultâneo, de modo a promover e aliar a brincadeira a interações sociais entre as crianças e o espaço envolvente.



Foto 6- Zona do móvel de parede

Num canto da sala encontrava-se um móvel de parede (destinado a guardar materiais ao alcance dos adultos) colocado mais ou menos a um metro de altura, o espaço por baixo do mesmo era um espaço “morto” que não era aproveitado para utilização das crianças, deste modo pensei em criar algo que fizesse uma barreira e que tornasse esse mesmo espaço um pouco mais recatado mas ao mesmo

tempo interativo, podendo até ser o cantinho do “esconde-esconde” onde a criança pode criar uma simples interação de se esconder e depois aparecer.

No dia nove de dezembro de 2015, levei para a sala uma cortina de fitas de seda coloridas para fixar na parte de baixo do móvel.

Concordando com o que afirmam as autoras Formosinho, Katz, Dian, e Lino (2006), nessa mesma manhã após o momento de tapete coloquei à disposição das crianças as fitas e passei com a cortina pelas suas mãos e pelo seu corpo para sentirem a textura e a leveza das fitas ao passarem pelos



seus membros e partes do corpo. **Foto 7- Primeira interação das crianças com as fitas**

Algumas tocaram, sentiram e observaram, outras simplesmente afastaram-se no primeiro momento e só quando se sentiram confiantes é que se aproximaram e exploraram as fitas de seda coloridas, pois “há crianças que necessitam de tempo e de liberdade para observar [...], dar-lhes tempo para observarem e para se acomodarem à participação em grupo é provavelmente uma abordagem eficaz” (*ibidem*, p.34).

Após esta primeira exploração, as fitas foram colocadas no local que tínhamos definido.



Foto 8- Estagiária com as crianças

Sentei-me no chão e desafiei algumas crianças a esconderem-se por de trás das fitas e depois a aparecer. De referir que nem todas aceitaram o desafio. Só após alguns momentos de observação é que as restantes se aproximaram para participar na brincadeira.

O desenvolvimento desta atividade permitiu-me criar oportunidades para partilhar momentos de brincadeira interativa e social sempre que comunicava com as crianças, usando o jogo como uma vertente lúdica de aprendizagens consecutivas.

Ao longo dos dias a observação das crianças e das suas interações com o novo material na sala, permitiu compreender que este passou a ser explorado por todas e, em alguns momentos, registou-se a disputa pelo mesmo lugar - pequenas situações de conflito que as crianças tiveram sempre capacidade de resolver sem intervenção de um adulto. O local era muito frequentado quer como local para isolamento do restante grupo, quer para explorar objetos da sala. Uma particularidade a salientar é o facto das crianças, a maioria das vezes, explorarem este novo espaço a pares.

A implementação da cortina de fitas foi intencional pois, como referem os autores Brickman e Taylor (1996), os adultos podem escolher os materiais com um objetivo específico. A minha intenção ao criar o material e ao implementá-lo na sala, foi desenvolver relações sociais, nomeadamente permitir que as crianças criassem relações umas com as outras, principalmente a pares. Foi possível desenvolver essa minha intenção, tendo tido oportunidade de observar as crianças a convidarem-se umas às outras para usufruírem do espaço conjuntamente. Nos momentos que usufruíam do espaço, as crianças partilhavam o espaço criando pequenas brincadeiras onde ambos fossem intervenientes. De referir que o primeiro contacto com o espaço foi feito na presença de um adulto (estagiária).

Espelho Sensorial

Na sala existiam inúmeros materiais que contribuía para o crescimento e desenvolvimento das crianças, embora com algumas fragilidades. Pude identificar essas fragilidades no espelho da sala que não era adequado à altura das crianças, da parte das mesmas era visível algum desinteresse na sua exploração, o mesmo não era procurado e o facto de ser em madeira e se tornar pesado a educadora cooperante não tinha possibilidade de o modificar, impedindo por vezes a reorganização da sala. As crianças para se verem ao espelho da sala tinham de o fazer sentadas no chão ou deitadas.

Refletindo sobre uma possibilidade de melhoria, optámos por criar um espelho à altura das crianças. Para que tivesse mais interesse decidimos colocar em seu redor diferente material reciclável e de desperdício, alguns comuns ao dia a dia das crianças outros para

crianças pequenas ainda são desconhecidos, desta forma para além das crianças puderem observar o seu reflexo, descobrindo o sentido de si mesmas, podem também tocar e sentir as sensações que os materiais lhes transmitem, nomeadamente através do tato. Esta opção advém de concordar com Zabalza, (1992), que refere que a importância destes materiais é que, de certa forma, são contributos educativos que agem com as estruturas sensoriais e motoras das crianças, colocando-as em funcionamento, evidenciando que é importante otimizar as condições para que haja um crescimento corporal e sensorial em cada sujeito.

Levei para a sala uma placa de cartão retangular e no seu centro, foi colocado papel autocolante espelhado com um metro de altura e cinquenta centímetros de largura, à sua volta colei materiais diversificados desde, papel, esponja, palhinhas, tecido, lã, plástico, entre outros.



Foto 9- Cartão com papel espelhado



Foto 10- Materiais para colocar em redor do espelho

Para a sua exploração e introdução na sala coloquei o espelho no chão e sentei-me em redor do mesmo, fui desafiando as crianças para se aproximarem de mim, em poucos minutos tinha algumas crianças no meu colo e outras em redor do espelho, fui passando as minhas mãos nos materiais que circundavam o espelho e de uma forma simples ia descrevendo as sensações como por exemplo quando tocava na esponja



Foto 11- Criança a explorar os materiais colocados à volta do espelho

dizia “ é macio” ou no algodão “fofinho”, desafiando as crianças a tocarem nos

materiais, ao mesmo tempo que observavam o seu reflexo no espelho. Este tipo de exploração permite dar a conhecer às crianças mais palavras de forma a desenvolverem e diversificarem o seu vocabulário, mas também lhes permite identificar e conhecer materiais do seu quotidiano.



Foto 12- Criança a interagir com o espelho

Após a exploração, que ocupou uma parte da manhã, coloquei o espelho na área da casinha sendo mais um elemento que permitia de uma forma interativa e direta o desenvolvimento do jogo simbólico. Dia após dia o interesse das crianças com espelho foi aumentando, havendo uma procura diária em interagir com o mesmo e com os materiais em seu redor.

Sempre que as crianças se deslocavam para a zona onde o espelho se encontrava, tocavam-lhe e permaneciam por alguns instantes a observarem o seu reflexo, fazendo expressões faciais. Também o procuravam quando colocavam algum adorno no seu

corpo como chapéus, lenços, bijuterias, entre outros, recorriam imediatamente ao espelho observando a sua “nova” imagem.

Com estas ações as crianças vão familiarizando-se com a imagem do seu corpo indo conhecendo as partes que o constitui, como também através da observação pouco a pouco vão construindo a sua identidade.

O espelho e as brincadeiras em torno do mesmo, permite que as crianças desde cedo consigam distinguir alguns tipos de expressões faciais e corporais.

O facto de este estar decorado com materiais do quotidiano, permite às crianças conhecerem as características dos materiais tal como o seu tipo de texturas, quando a criança é apoiada pelo adulto nas suas explorações, vai apreendendo os conceitos que interligam aos materiais tal como (macio, fofinho, pica, faz barulho, entre outros), como também com este tipo de interações permite que a criança vá diversificando o seu vocabulário.

Painel Sensorial

Por último, centrando-me nas necessidades e interesses das crianças durante o período de estágio e mediante o que ia observando, comparativamente com a faixa etária das crianças, constatei que as descobertas acerca do mundo e do que as envolvia era o seu principal interesse. As crianças eram de tal modo atentas e observadoras que passavam grande parte do dia querendo manusear objetos inerentes à sala, como o puxador da porta, o interruptor da luz e até mesmo alguns objetos destinados somente à utilização dos adultos.

Tendo esse tipo de objetos como opção pensei criar um material diferente, mas que fosse interativo e correspondesse às necessidades do grupo.

Comecei por recolher alguns objetos que tinha em casa, tais como: molas da roupa, corda e guizos. Enquanto



Foto 13- Material a utilizar em fase de concretização

outros, tive de comprar como por exemplo: interruptores, luzes de presença coloridas,

parafusos, porcas, anilhas de metal, corrente, dobradiças de metal, placa de madeira e material necessário para efetuar uma pequena instalação elétrica que utilizei como fonte de energia com um conjunto de oito pilhas. Na seleção do material tive em conta as características tendo como principal aspeto a considerar a segurança das crianças.

Concretizei este material em casa, com o apoio do meu marido que foi crucial principalmente para realizar as instalações elétricas. Quanto à sua forma este era em formato de uma caixa estreita retangular com possibilidade de abrir uma tampa para a troca de pilhas. Na sua parte frontal continha um conjunto de cinco luzes de presença de cores diversas, cada uma com a possibilidade de acender com o respetivo interruptor, mais abaixo continha dois carretes de plástico, ambos aparafusados de forma que quando as crianças os manipulassem estes rodassem, para que tivesse um efeito visual, num coloquei um círculo de papel de várias cores e noutra coloquei pedaços de corda. Ainda para completar o conjunto de acessórios coloquei uma fechadura metálica composta também por uma corrente e uma corda com molas para a roupa coloridas e guizos.

Quanto à sala sugeri à educadora a reorganização da mesma, que me colocou à vontade para o fazer. Para a implementação do painel na sala apenas tive necessidade de reorganizar a posição de uma estante para que a sua lateral pudesse suportar o novo material.

De forma diferente das anteriores, levei o painel para a sala e coloquei-o no local destinado, sem que as crianças o explorassem antes.

Centrei-me na observação acerca do primeiro impacto que o painel criou nas crianças do grupo. Houve de imediato uma aproximação e o início de uma exploração mas de uma forma recatada, passavam pelo objeto tocavam, rodavam os carretes e tentavam puxar as molas, todos estes elementos se destacavam dos restantes.

Ao longo do dia senti necessidade de me aproximar das crianças e de eu mesma manusear o novo material da sala. Constatei que, ao manipular os interruptores e apontar para as luzes as crianças percebiam a sua funcionalidade, o mesmo se passou com o fechar corretamente a fechadura metálica. Portanto, dei o primeiro impulso para que permitisse uma exploração adequada do material, desde então as crianças não mais largaram o painel e, dia após dia, o mesmo era procurado por todas as crianças da sala.



Foto 15- Painel concluído



Foto 14- Primeiras interações das crianças com o painel

Após o término do estágio tive oportunidade de me deslocar novamente à sala e observar a interação das crianças com todos os materiais que integrei na sala. Verifiquei que todos se mantinham interessantes para as crianças e que faziam parte das suas brincadeiras diárias.

Considero que este objeto tal como os outros foram uma mais-valia para a sala e um bom contributo para o crescimento e desenvolvimento das crianças, tal como o crescimento evolutivo que foi observável ao nível do jogo e do faz de conta de modo a que “proporcionem um enquadramento importante para a prática e aperfeiçoamento da competência social” (Formosinho, Katz, Dian, & Lino, 2006, p. 46)

Em suma, posso considerar que superei as minhas perspetivas iniciais relativamente aos meus objetivos acerca de todos os materiais implementados na sala de creche. O principal ponto de partida foi adaptar o espaço da sala de modo a assegurar às crianças o seu desenvolvimento e aprendizagem num ambiente onde existissem materiais e equipamentos adequados e desafiadores quanto às necessidades do grupo no momento.

Ao criar os materiais acima descritos e ao implementa-los na sala, tendo em conta o espaço e as alterações necessárias que tiveram de ocorrer para permitir a sua colocação, observei o interesse constante das crianças com os novos objetos, pois a exploração

destes novos recursos na sala permitiu que as crianças demonstrassem mais interesse nas suas interações como também favoreceram as relações sociais e afetivas entre elas.

Estágio II em Creche – Sala 3

No segundo momento de estágio em creche, o meu principal objetivo foi conhecer o novo grupo, a equipa mas também o espaço, já que o grupo transitou de sala.

As minhas primeiras observações centraram-se na sala, nos seus objetos e materiais, nomeadamente naqueles que “transitaram” da sala anterior com o grupo - aspeto que a educadora tem em especial atenção e que consiste em levar materiais com que as crianças já estão habituadas a explorar, considerando assim que a adaptação ao novo espaço é facilitada, na medida em que as crianças parecem sentir-se mais confiantes e mais seguras.

Para além das crianças terem mudado de sala, a equipa recebeu uma nova auxiliar, importa referir que a faixa etária das crianças é diferente e o grupo recebeu novas crianças que ainda estavam em adaptação durante o período de desenvolvimento deste momento de estágio.

Pude observar que a sala já se encontrava organizada por áreas/pequenas áreas pré-estabelecidas. De salientar que todos os objetos, brinquedos e materiais destinados à exploração das crianças para além de muitos serem os mesmos, estavam ao seu alcance, as estantes eram pequenas e as crianças conseguiam alcançar o que pretendiam com facilidade e autonomia.

O desarrumar era constante mas as brincadeiras e interações sociais das crianças eram desenvolvidas com mais sentido e maturidade ao nível do desenvolvimento global das crianças. As crianças mantinham pequenos diálogos entre si, e também já desenvolviam pequenas brincadeiras nomeadamente na área da casinha de modo a recriarem algumas ações do seu quotidiano tais como: pôr a mesa, dar de comida ao boneco e balançar o berço para o bebé adormecer, entre outras.

As crianças procuravam os materiais na sala conforme os seus interesses, pude observar uma das crianças que em vários momentos do dia o seu interesse era maioritariamente

direcionado para o “desenho”, constantemente procurava materiais riscadores (lápiz de cera e lápis de cor) para rabiscar folhas (também colocadas ao dispor das crianças) e por vezes os rabiscos também eram feitos nas mesas.

Relativamente aos materiais referentes ao trabalho que desenvolvi no ano anterior, a educadora apenas se fez acompanhar do “Painel Sensorial” visto que este material ainda se adequava à faixa etária das crianças e desde que foi colocado ao dispor das crianças foi sempre explorado e procurado pelas mesmas. Enquanto os restantes materiais permaneceram na sala anterior e no momento estavam a ser explorados pelo grupo de crianças que transitou do berçário. A educadora cooperante referiu que “ este painel ainda faz sentido para o grupo e também para mim, identifico-me bastante com ele, irá comigo para o berçário quando para lá voltar, acho que se adequa a qualquer idade de creche” (V. Apêndice VI, Nota de Campo de 6 de novembro de 2016).

Enquanto estive presente na sala estive atenta às crianças e registei algumas observações relativamente à exploração do painel, este foi colocado na lateral de uma estante perto da zona do tapete e era muito procurado pelas crianças.

Saliento um momento que tive oportunidade de registar, onde direcionei toda a minha atenção para uma das crianças a arrastar uma cadeira pela sala, sem saber as suas intenções e alertando-a para os perigos que a ação poderia apresentar caso se colocasse de pé na mesma, perguntei: “Para onde levas a cadeira? Deixa aqui... (apontei para a mesa). A criança olhou para mim e disse: Aí... (Ali), (apontou para o painel e ao mesmo tempo chamou outra criança para ir para ao pé dele)” (V. Apêndice VII, Nota de Campo de 5 de novembro de 2016).

Momentos mais tarde ambas as crianças estavam a explorar o painel, uma sentada na cadeira e a outra sentada numa almofada, acendiam as luzes, comunicavam entre si e simulavam que iam de carro, girando os carretes como se fossem volantes.



Foto 16- Exploração do painel a pares

O jogo simbólico estava presente nas ações das crianças, mas também nos seus pequenos diálogos quando tentavam recriar momentos do dia-a-dia.

Concordando com a educadora cooperante considero que faz sentido a existência deste tipo de materiais nas salas de creche, desta forma as crianças desde cedo têm a oportunidade de contactar com materiais reais presentes no seu mundo envolvente, pois o contacto precoce com este tipo de “ferramentas” dá-lhes oportunidade de adquirirem estes conhecimentos fazendo parte das primeiras aprendizagens presentes ao longo das suas vidas.

É importante destacar que a variedade de materiais tem a capacidade de estimular e proporcionar determinadas atividades e as “crianças [têm a competência de os utilizar] de um modo muito diversificado” (Zabalza, 1998, p.247) o que foi observável com os materiais implementados no decorrer do estágio, nomeadamente com o painel sensorial.

Considero que o meu trabalho foi reconhecido por a educadora cooperante o ter valorizado, mas também é bastante gratificante o facto de este tipo de materiais poderem contribuir para o conhecimento e desenvolvimento das crianças em creche, todos eles são de “utilização autónoma” (*ibidem*, p.248) potencializando uma utilização das crianças de forma livre e espontânea, pois o facto de estarem “acessíveis às crianças oferecem [...] maiores possibilidades de independência e autonomia” (*ibidem*).

O desenvolvimento da motricidade também está aliado à utilização dos materiais implementados. Nesta fase da infância a criança dá utilidade aos materiais já com um objetivo específico, o que utiliza e a forma como utiliza é fundamental para o desempenho do seu corpo com o objeto. As crianças pequenas apresentam um espírito de descoberta, e tudo ou quase tudo em seu redor apresenta um nível de curiosidade podendo ser: “perceptivo e sensorial, motor, táctil e experiencial” (Zabalza, 1992, p.126), pois a criança está descobrindo o mundo e a si mesma.

2. Instituição B – Jardim-de-Infância

A Instituição B é uma Escola Básica1/Jardim de Infância que pertence a um Agrupamento de Escolas da cidade de Setúbal.

Este agrupamento é constituído por sete escolas que abrangem diversas valências e diferentes ciclos de ensino, desde “o pré-escolar, primeiro, segundo e terceiro ciclos do ensino básico, ensino secundário e ainda alguns percursos curriculares alternativos” (Projeto Educativo, 2015-2018, p.3), que englobam os cursos vocacionais e profissionais, o ensino recorrente e a formação de adultos.

As escolas pertencentes ao agrupamento tentam impulsionar nas crianças e alunos o desenvolvimento de competências, a transmissão e aquisição de conhecimento, a socialização e o desenvolvimento da própria personalidade, respeitando sempre as características e as potencialidades de cada indivíduo.

Ainda referido no Projeto Educativo (2015-2018), a missão do Agrupamento de Escolas passa por

“prestar à comunidade um serviço educativo de qualidade, inclusivo, adaptado às necessidades específicas dos seus alunos, contribuindo para a formação de cidadãos solidários, participativos, conscientes dos seus direitos e deveres e ativamente integrados na sociedades” (*ibidem*, p.4).

O Agrupamento de Escolas tem como base sete importantes valores, tais como:

“Igualdade de oportunidades na aquisição e formação do saber científico e social; igualdade de oportunidades no desenvolvimento global das crianças/alunos; qualidade do ensino/aprendizagem; solidariedade, tolerância e o respeito pelo outro; segurança e o bem-estar coletivos; responsabilidade e exercício de uma cidadania ativa; participação democrática de todos os intervenientes no processo educativo” (*ibidem*, p.4).

Desta forma é visível a preocupação que o agrupamento tem face aos seus utentes e profissionais que usufruem do mesmo e prestam os seus serviços.

2.1. O Contexto

A Escola EB1/JI é localizada num bairro da cidade de Setúbal perto de uma zona comercial.

O edifício integra seis salas de aula para o 1º ciclo e três salas de jardim-de-infância, possui uma biblioteca “integrada na rede de bibliotecas escolares, uma sala polivalente, cozinha e refeitório” (*ibidem*, p.8) todos estes espaços tal como a zona exterior são comuns a todas as crianças do equipamento.

Face ao elevado número de alunos que a escola acolhe há necessidade de o 1º ciclo funcionar em regime de horário duplo “Duplo da manhã – das 8:00 às 13:00; duplo da tarde: das 13h15 às 18h15” (Instituição B, Plano de Estudos e Desenvolvimento do Currículo, 2015-2018, p.6).

O jardim-de-infância tem o horário no período da manhã das 9:00 horas às 12:00 horas e no período da tarde das 13:30 horas às 15:30 horas sendo este o período letivo, horário que as educadoras permanecem com as crianças. Existe também a Componente de Apoio à Família designada por AAAF (Atividades de Animação e Apoio à Família) ou prolongamento, só frequentam as crianças que os pais têm necessidade pois essas crianças podem frequentar o jardim-de-infância a partir das 8:15 horas e permanecer na escola até às 17:30 horas, nesses períodos as crianças estão com as auxiliares e fazem atividades lúdicas no interior e exterior da escola.

O edifício destinado ao jardim-de-infância é constituído por três salas. Possui também um espaço comum a todas as salas que é onde as crianças são acolhidas no período da manhã e onde decorre as atividades do prolongamento da tarde, a casa de banho é apenas uma, composta apenas por três sanitas e três lavatórios e é comum a todas as três salas.

Ainda no edifício do jardim-de-infância existe uma arrecadação que possui jogos, material lúdico e didático, e algum material de desgaste pertencente também às três salas. Possui também uma casa de banho destinada aos adultos (docentes e não docentes), os restantes espaços (refeitório, ginásio e espaço exterior) são comuns também ao 1º ciclo.

A equipa pedagógica que integra cada sala é constituída por uma educadora e uma auxiliar de ação educativa, as restantes auxiliares desempenham tarefas no período do prolongamento e também vão às salas sempre que necessário para prestarem apoio à educadora e às crianças.

O meu estágio foi desenvolvido na sala 2 do jardim-de-infância.

2.2.O Grupo de Crianças

Neste ponto caracterizo dois grupos de crianças referentes ao Estágio I e II, ambos decorridos em Jardim-de-Infância.

Estágio I em Jardim-de-Infância- Sala 2

No primeiro momento de estágio em jardim-de-infância (referente ao primeiro ano do Mestrado em Educação Pré-Escolar) a sala é constituída por um grupo de vinte crianças com idades compreendidas entre os cinco e os sete anos de idade. Duas das crianças da sala (meninas) possuem necessidades educativas especiais, uma está diagnosticada com Síndrome de Asperger e outra possui uma dificuldade ao nível da fala e um problema cardíaco diagnosticado à nascença.

Ambas usufruem de apoios adequados às suas necessidades, desde terapia da fala, ensino especial e apoio psicológico. Alguns destes apoios são prestados por profissionais exteriores à escola.

Uma das crianças do grupo (menino) é bilingue, sendo a sua língua materna o espanhol.

As características gerais a todas as crianças da sala são a autonomia e a independência, apresentando também um grande sentido de responsabilidade por si e pelos outros.

Uma das preocupações da educadora é ao longo do ano ter possibilidade de desenvolver com as crianças a Formação Pessoal e Social estando esta componente inteiramente ligada às atividades que desenvolve, nomeadamente nas suas comunicações em grande grupo despertando nas crianças um gosto pela comunicação oral e pela partilha com os outros.

Estágio II em Jardim-de-Infância- Sala 2

No segundo momento do estágio em jardim-de-infância a sala 2 integra vinte crianças com idades compreendidas entre os cinco e os sete anos. No grupo duas das crianças transitaram do ano anterior, uma por apresentar necessidades educativas especiais (síndrome de asperger) e ter usufruído de adiamento de matrícula e a outra por ser condicional e não ter tido vaga no primeiro ciclo do Ensino Básico.

O grupo conta com duas crianças bilingues, uma que a sua língua materna é o espanhol e outra que é o mandarim. A criança que fala espanhol está inteiramente integrada na sala e nas rotinas e também tem fluência da língua portuguesa (a criança transitou do ano anterior). A criança que fala o mandarim apresenta grande dificuldade na interpretação e na comunicação, demonstrando dificuldade na pronúncia da língua portuguesa por vezes recorre ao inglês para comunicar com mais facilidade. A educadora, a auxiliar e as restantes crianças têm em conta a dificuldade desta criança demonstrando apoio sempre que necessário.

Ainda no grupo está presente outra criança com necessidades educativas especiais, apresenta dificuldades cognitivas e motoras provenientes de uma paralisia causada por o nascimento prematuro. A criança usufrui dos apoios adequados na escola e em regime particular, apresenta-se integrada no grupo de crianças, com os adultos e com o espaço interior e exterior à sala.

Na generalidade é um grupo com bastante energia, nem todos têm interiorizado as rotinas diárias, pois as crianças são provenientes de diversos contextos e cada um com a sua especificidade.

O grupo ainda manifesta algumas fragilidades ao nível do comportamento e rotinas, pois o estágio decorreu no início do ano letivo e não consegui observar um grupo coerente e colaborativo.

2.3.A Sala

Neste ponto apresento de uma forma global as salas, referentes ao Estágio I e ao Estágio II, ambos decorridos em Jardim-de-Infância. E como subpontos caracterizo-as quanto à organização do espaço e dos materiais.

Estágio I em Jardim-de-Infância- Sala 2

Neste primeiro momento de estágio em jardim-de-infância pude perceber que é fundamental numa sala de jardim-de-infância a organização do espaço pois este deve ser organizado com alguma coerência onde respeite a diversidade e as identidades globais e individuais do grupo (Oliveira-Formosinho & Gambôa, 2011) onde a principal preocupação é dar resposta às aprendizagens experienciais tal como do ambiente, pois “um ambiente bem pensado promove o progresso das crianças em termos de desenvolvimento físico, comunicação, competências cognitivas e interações sociais” (Post & Hohmann, 2011, p.101).

Globalmente, a sala deve ser um “lugar de bem-estar, alegria e prazer” (Formosinho & Gambôa, 2011, p.28), ampla aos interesses e às vivências plurais das crianças e da comunidade. Pedagogicamente deve caracterizar-se pela sua estética de forma comunicativa, transmitindo segurança com grande objetivo no caráter lúdico e cultural.

Conforme as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (Silva, Marques, Mata, & Rosa, 2016), existem vários espaços, mas os equipamentos e os materiais neles existentes tal como a forma como estão dispostos, condicionam o que as crianças podem e querem fazer para aprender.

Todo o trabalho desenvolvido pela educadora cooperante tem como prioridade as motivações, as necessidades e interesses das crianças, é crucial este método de trabalho pois “as crianças precisam de espaço para usar objectos e materiais, fazer explorações, criar e resolver problemas; espaço para se mover livremente; falar à vontade sobre o que estão a fazer (...)” (Hohmann & Weikart 2011, p.162).

Relativamente ao tempo, normalmente designado por rotinas (diárias e semanais), a sala tem em conta o bem-estar e as aprendizagens. O tempo pedagógico inclui uma “polifonia de ritmos” (Formosinho & Gambôa, 2011, p.30), quanto ao ritmo de trabalho de cada criança, de pequenos grupos e do grupo num todo.

O dia inicia-se no acolhimento “como lugar de abrigar, até a um ciclo de pensamento-ação-reflexão (planificação – atividades e projetos – reflexão) ” (Formosinho (Org.), Andrade, & Formosinho, 2011, p.72), posteriormente o trabalho é desenvolvido em pequenos grupos que permite o alargamento das aprendizagens e das experiências, sempre vividos de uma forma flexível tendo em conta as necessidades do grupo no momento e as inventuais situações de mudança, normalmente esses momentos ocorrem durante o período da manhã.

O brincar ocorre nomeadamente nos momentos de recreio (fora da sala) e na exploração das diferentes áreas (dentro da sala), sempre com a componente de aliar a brincadeira às aprendizagens significativas.

Ao fim do dia e da semana o grupo promove momentos de conselho que “permite a reflexão-avaliação das experiências de aprendizagem” (*ibidem*), esses momentos ficam sempre registados suportados numa “documentação pedagógica” afixada na sala, esses mesmos momentos e registos são performance de comunicação entre o jardim-de-infância, a casa e a família.

A educadora cooperante desenvolve o seu trabalho relativamente à organização dos espaços respeitando os princípios do MEM. Desde o início do ano letivo organiza o ambiente educativo na presença das crianças de forma a criar condições materiais, afetivas e sociais onde cada um pode adquirir conhecimentos e valores. Desta forma está muito presente a cooperação e a interajuda onde todos aprendem e ensinam.

A sala 2 é uma sala grande. A sua organização permite que exista espaço suficiente para as crianças circularem livremente pelas várias áreas, possui duas grandes janelas que permite a entrada de muita luz natural é um fator muito importante pois “(...) a luminosidade natural é uma maneira de suavizar o ambiente e trazer para os interiores elementos naturais” (Hohmann & Weikart 2011, p.161), as janelas servem também para as crianças recorrerem diariamente para observarem o exterior e o estado do tempo (aspeto assinalado pelas crianças no mapa do tempo).

Seguidamente apresento a planta da sala de modo a caracterizá-la.

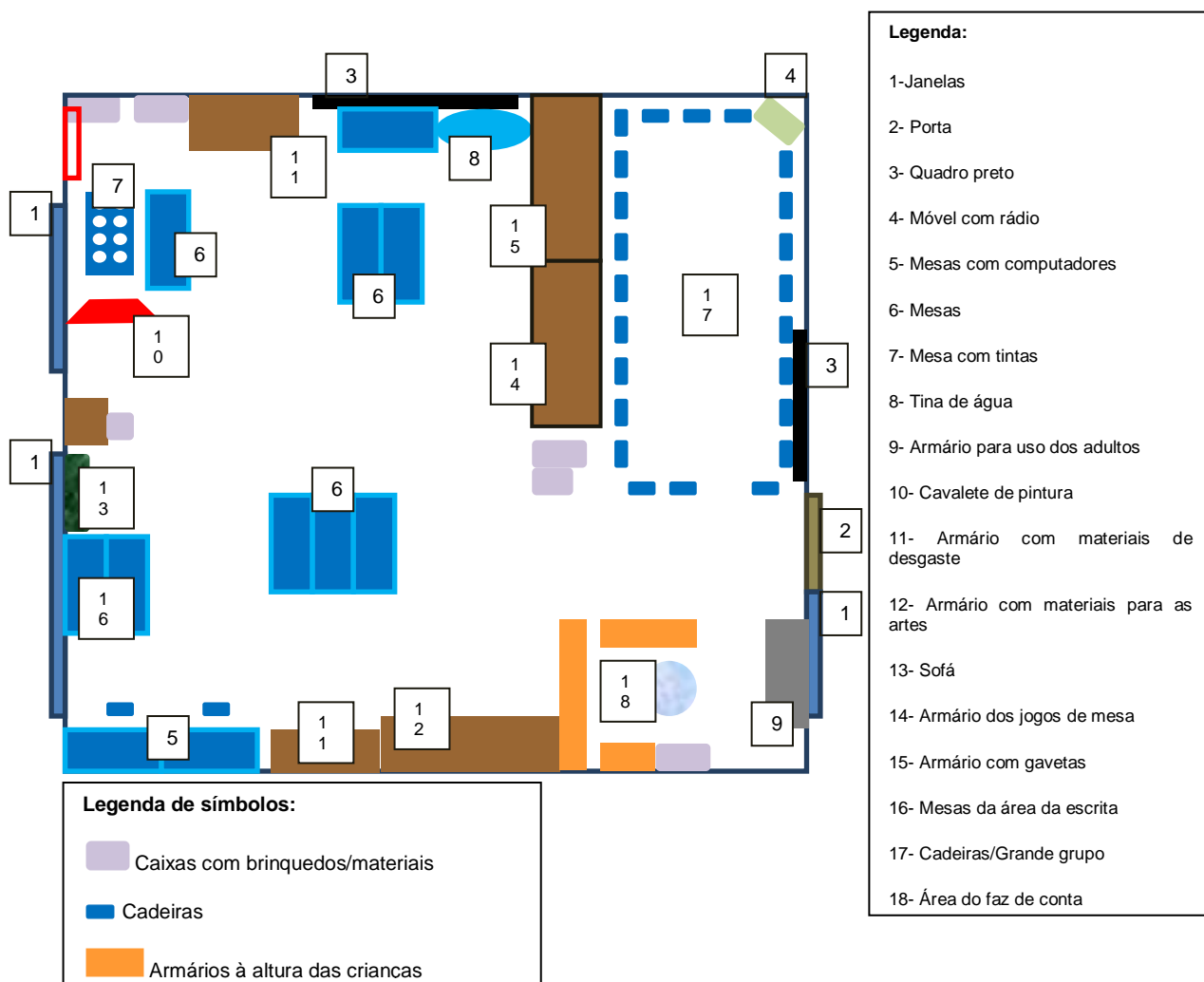


Ilustração 3- Planta da Sala 2- Jardim-de-Infância

Estágio II em Jardim-de-Infância- Sala 2

Conforme pude observar no segundo momento de estágio em jardim-de-infância a sala 2, relativamente à sua organização, mantém a organização do ano anterior (aspetos acima descritos).

Questionando a educadora face a este aspeto, a mesma referiu-me que a forma como dispõe as áreas e onde são localizadas as janelas, não permite modificar a sala quanto à sua organização e disposição dos materiais. De referir que apesar deste constrangimento, as crianças, logo no início do ano letivo, têm conhecimento das áreas existentes na sala e participam na sua identificação e organização. Deste modo, as crianças têm conhecimento do que sala lhes oferece e o que a mesma contém para as suas explorações.

Relativamente ao trabalho de investigação que pretende otimizar os espaços, e materiais em creche e jardim-de-infância, no primeiro ano alterei/modifiquei a Área da Biblioteca (área identificada por mim e pela educadora como a área com maior fragilidade) quanto à organização dos materiais e reorganização do espaço. Foi pertinente observar no segundo momento do estágio a continuidade que a educadora deu face ao meu trabalho mantendo alguns materiais implementados na área da sala e a organização da mesma.

Havendo uma procura diária e interesse por parte das crianças em utilizarem a Área da Biblioteca.

2.3.1. A Organização do Espaço e dos Materiais

O ambiente da sala é agradável e estimulante, as paredes servem de expositores das produções das crianças, têm um quadro preto à altura das crianças e uma zona destinada aos mapas de registo que as auxilia na “planificação, gestão e avaliação da atividade educativa participada” (Formosinho, 2013, p.151). É visível nas paredes da sala os mapas destinados à gestão e organização do dia e da semana, bem como alguns dos trabalhos expostos ao longo das paredes e em cordas dispostas ao longo de toda a sala.

No que diz respeito ao espaço educativo, este deve de se subdividir em seis áreas “básicas de atividades” (*ibidem*, p. 150), onde deve também de existir uma área central polivalente composta por mesas e cadeiras suficientes para todo o grupo (número 17) onde se realizam alguns momentos do dia (conselho, acolhimento, comunicações, entre outros).

Como preconizado por este modelo (Formosinho, 2013), a sala dispõe de uma área polivalente que integra cadeiras, é nesse local que as crianças são acolhidas, fazem as reuniões de grande grupo (conselho) e fazem também as suas comunicações.

Esta mesma zona sem as cadeiras é a zona destinada à **área das construções**, onde as crianças podem elaborar diversos tipos de construções com materiais não estruturados (peças em madeira), animais e blocos de encaixe.

A **área da biblioteca** é uma zona da sala que tem um sofá (número 13) para as crianças efetuarem as suas leituras e descobertas, deve ser uma zona com espaço e confortável, mas onde se encontra localizada não é muito confortável para as crianças (área onde

desenvolvi o meu projeto de investigação). A área da biblioteca contém uma grande quantidade de livros de diversas temáticas e categorias, contem também alguns materiais elaborados pelas crianças ao longo do ano letivo.

Perto desta área estão duas pequenas áreas: a **área da escrita** (número 16) que dispõe de ficheiros de palavras e jogos de leitura e escrita. Neste local as crianças podem desenvolver a escrita e realizarem alguns projetos em sala e a **área do computador** (número 5), onde as crianças também podem desenvolver a escrita e realizarem alguns jogos interativos.

A **área das artes** é uma área onde as crianças podem desenvolver a criatividade e explorá-la de uma forma artística. Esta área integra um conjunto de mesas (número 6) e um móvel (número 11 e 12) que dispõe de vários tipos de materiais ao alcance das crianças, estas podem manusear e utilizar livremente as canetas, lápis, tesouras, folhas, etc. transportar para as mesas e posteriormente guarda-los autonomamente.

A **área da pintura** é também uma área de exploração da arte e na sala é uma área distinta que possui um cavalete de pintura (número 10) e uma mesa adaptada para os copos de tinta (número 7). As crianças têm possibilidade de explorar esta área de uma forma mais livre. Sendo uma área “suja”, encontra-se separada da área das artes.

As mesas da sala (número 6) por vezes também são destinadas a outro tipo de atividades, em grande ou pequenos grupos como por exemplo: registos (jogos, atividades e experiências), atividades propostas pela educadora, pelo agrupamento, entre outras.

A **área do “faz de conta”** (número 18), é uma zona da sala que integra materiais propícios para desenvolver o jogo simbólico, neste local existe também um conjunto de adereços que permite a elaboração de algumas pequenas dramatizações, os móveis são do tamanho das crianças permitindo assim um contacto mais direto com os objetos e materiais (reais) ao seu dispor. Esta área é muito procurada por todas as crianças, normalmente em grupos e/ou a pares desenvolvem brincadeiras relacionadas com o quotidiano.

A **área das experiências** é onde executam atividades ao nível das medidas de capacidade, peso e medida, onde também podem observar animais e plantas. Esta

mesma área tem também implementada alguns materiais de registo de observações (tabelas e um quadro na parede) e uma tina de água (número 8). Através da observação de situações reais as crianças consolidam os seus conhecimentos acerca do mundo que as rodeiam.

Por último refiro **área dos jogos de mesa**, os jogos de mesa estão organizados numa estante à medida das crianças, autonomamente selecionam os jogos que pretendem explorar. Os jogos de mesa que estão na sala são adaptados à faixa etária das crianças, a sua grande maioria são jogos elaborados pela educadora centrados nas aprendizagens em diversas áreas de conteúdo. Outros têm a potencialidade de desenvolver e estimular algumas dificuldades cognitivas das crianças.

2.4. Intervenção – Reorganização da “Área da Biblioteca”

Estágio I em Jardim-de-Infância- Sala 2

Após a minha adaptação ao grupo à equipa, ao espaço e às rotinas, centrei-me em identificar situações problema de modo a se relacionarem com a minha questão de Investigação.

Gradualmente fui-me apercebendo que as crianças nos momentos de brincadeiras livres quando exploravam as áreas da sala, nunca ou quase nunca frequentavam a Área da Biblioteca, situação essa que identifiquei e questionei a educadora cooperante logo na primeira reflexão cooperada. Esta referiu que

“a maioria das crianças apresentam uma grande imaturidade e manifestam pouco gosto pela leitura, histórias e afins, pois na sua maioria as crianças em casa não possuem livros de histórias, nem os pais têm por hábito ler-lhes ou contar-lhes histórias ou contos” (V. Apêndice VIII, Nota de Campo de 14 de março de 2016).

Desde então, demonstrei bastante interesse em modificar e expandir a Área da Biblioteca e até mesmo intervir na sua reorganização e implementação de novos materiais, com o intuito de enriquecer o espaço e torná-lo mais amplo mais agradável, completo e acolhedor e também criar uma estratégia para que mais crianças o possam

utilizar ao mesmo tempo, aumentando o número de lugares na área, de modo a que as crianças manifestassem mais interesse em frequentá-lo e em explorar a área.

Após ponderar e identificar algumas estratégias para renovar o espaço, reuni uma vez mais com a educadora cooperante e referi as sugestões de mudança, sendo uma delas mudar a biblioteca para outro local da sala. A educadora cooperante concordou com as alterações propostas, salientando que o facto de “mudar a Área da Biblioteca para outro local da sala é complicado, pois a sala já está assim organizada há muito tempo e não é fácil modificar” (V. Apêndice IX, Nota de Campo de 4 de abril de 2016).

Referi-lhe que ia ponderar a sua afirmação e não desistindo da minha ideia inicial, analisei a planta da sala quanto às áreas que integrava e quanto aos materiais pertencentes à mesma, com a impossibilidade de serem alterados quanto à estrutura física do espaço.

Após análise verifiquei que efetivamente não era possível retirar a área da biblioteca e coloca-la noutra local da sala, pois a sala quanto à sua estrutura física impossibilitava a alteração das áreas como por exemplo: onde tinha fichas elétricas só se podiam situar os computadores, onde a sala possuía os quadros de ardosia situavam-se áreas onde as crianças faziam registos diários, entre outros. O jardim-de-infância não possuía muitas estruturas (moveis, estantes, etc) de modo a poder reorganizar toda a sala e a torná-la mais funcional.



Foto 17- Área da biblioteca antes da intervenção

Planifiquei somente direcionar a intervenção na reorganização da área da biblioteca, utilizando as estruturas e materiais que a mesma continha de modo a implementar novos materiais criados pelas crianças do grupo.

Toda a minha intervenção nesta área contou com a participação ativa das crianças do grupo com o objetivo de todo o grupo ter conhecimento da forma como a área se organiza, o que podem fazer e explorar naquele espaço da sala e também todos

os objetos e materiais que a área contém.

Uma vez mais dei conhecimento à educadora cooperante das minhas intenções que concordou com as propostas, autorizando-me a avançar com o meu projeto, sempre com a participação ativa das crianças.

Como ponto de partida, logo pela manhã de dia dez de maio de 2016. No momento de grande grupo após as crianças terem marcado as suas presenças e após terem realizado as tarefas do dia, tive uma conversa com as crianças onde expliquei o que pretendia fazer na Área da Biblioteca, dizendo-lhes que todos iriam ter oportunidade de participar no projeto, mas não poderiam participar todos ao mesmo tempo. Questionei às crianças como poderíamos fazer, as próprias fizeram sugestões (V. Apêndice XI- Episódio 2).

As primeiras alterações na Área da Biblioteca iniciaram com um grupo de quatro crianças que realizaram um inventário dos materiais existentes na área. Com o meu apoio as crianças identificaram o que a área continha e registaram numa lista. Os seus registos eram sob forma de desenho e representação escrita, desenhavam os objetos e identificavam-nos com o seu nome (copiavam os nomes nos ficheiros de palavras existentes na sala na Área da Escrita).

As crianças entre si, organizaram a forma de trabalhar e de como fazer os registos, ao se subdividirem umas retiravam os materiais da estante, separavam-nos por categorias e posteriormente registavam.



Foto 19- Crianças a organizarem os livros

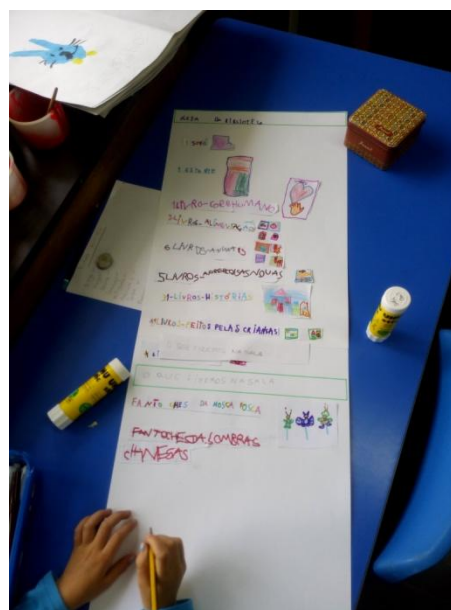


Foto 18- Inventário/Registo dos materiais existentes na área

Inicialmente as crianças tiveram alguma dificuldade em se organizarem, mas rapidamente se adaptaram à forma de trabalho cooperado, demonstrando motivação e empenho na atividade proposta. Como todas queriam fazer a mesma tarefa, mediante diálogo, decidiram o que cada uma faria e depois trocavam as tarefas para todas terem oportunidade de participar na atividade de organização da biblioteca.

No término das atividades todas as crianças se juntavam em grande grupo (conselho) para fazerem o balanço global do dia e das atividades realizadas. Diariamente o grupo, acompanhado por mim na atividade proposta, elegia um porta-voz e descrevia e apresentava às restantes crianças do grande grupo o que faziam e como faziam, as restantes crianças que tinham participado entreviam sempre que necessário. A primeira comunicação em grupo teve lugar no início da tarde do dia dez de maio de 2016 (V. Apêndice XII- Episódio 3).

As comunicações do desenvolvimento e evolução das tarefas realizadas tinham como objetivo dar a conhecer às restantes crianças do grande grupo a evolução e a etapa em que o projeto se encontrava, pois a cada dia era selecionado aleatoriamente um outro grupo de crianças para dar continuidade ao projeto. Desta forma todas tinham conhecimento da etapa em que o projeto se encontrava e oportunidade de participar no seu desenvolvimento, pois o envolvimento de todas contribuía para um melhor conhecimento da área da sala, o que esta continha e oferecia ao grupo, assim proporcionava às crianças mais interesse em cada uma das possíveis explorações da área.

Dia após dia e grupo a grupo o projeto foi evoluindo e a área foi-se modificando.

Após a realização do inventário, procedeu-se à reorganização da área e dos materiais e à introdução de novos materiais na Área da Biblioteca, promovendo assim uma multiplicidade de escolhas, proporcionando um espaço para o desenvolvimento de atividades relacionadas com a leitura de histórias através da exploração de livros de texto e de imagens.

O pequeno sofá e a estante dos livros mantiveram-se na área, mudando de espaço físico de modo a ampliar o espaço.

Na lateral da estante, o inventário foi colado pelas crianças e os livros arrumados por elas, respeitando as categorias referidas na lista do inventário ficando ainda com um

espaço para introduzir uma caixa com fantoches de papel realizados pelas crianças, todos eles são personagens de histórias trabalhadas na sala pela educadora cooperante no decorrer do ano letivo. Esta caixa continha os fantoches do teatro de sombras realizados também pelas crianças no decorrer de algumas atividades por mim planejadas referentes a outras Unidades Curriculares (UC'S) do mestrado.

Outro dos meus objetivos, para além da reorganização do espaço foi incluir materiais criados pelas próprias crianças, materiais esses desenvolvidos em torno de histórias e contos tradicionais, daí a existência da caixa com os fantoches e também um pequeno fantocheiro de modo a aliar a expressão dramática a esta área, pois também é importante que como “alternativa [haja um] desdobramento das áreas em oficinas de trabalho” (Sónia Kramer, 2009, p.77). Esta articulação permite às crianças a possibilidade de criar e construir pequenas histórias e brincadeiras criativas e imaginárias aliadas aos seus conhecimentos quer sobre histórias tradicionais/convencionais, quer sobre as suas personagens.

Neste sentido o jogo simbólico está presente nas ações das crianças, pois “toma a forma de jogo dramático quando a criança assume um papel de outras pessoas, animais ou máquinas ou o vive através de um objeto (boneco, marioneta) para representar situações “reais” ou imaginárias” (Silva, Marques, Mata, & Rosa, 2016, p.55) com o intuito de exprimir as suas ideias. Conforme defendem as autoras esta forma de jogo pode ser de caráter individual ou em grupo promovendo as relações sociais, onde cada um representa diferentes papéis através de uma narrativa previamente criada pelos



Foto 20- Área da biblioteca já modificada

intervenientes. Esta perspetiva está profundamente presente na utilização dos fantoches para criarem e representarem pequenas histórias.

A construção de livros ilustrados com histórias criadas pelas crianças foi uma das atividades desenvolvidas pela educadora cooperante ao longo do ano letivo. De modo a dar ênfase a esses mesmos livros criei um suporte para os expor, preocupando-me que

estes ficassem ao alcance das crianças facilitando o nível da acessibilidade, para que não dependessem sempre da intervenção de um adulto.



Foto 21- Livros realizados pelas crianças

mesmas.

As crianças sugeriram decorá-las, desenhando-as. Discutimos o que fazer e que materiais poderiam utilizar (V. Apêndice XIII- Episódio 4). Respeitando as ideias de todo o grupo, tivemos oportunidade de saber as sugestões de todas as crianças, ouvindo a sugestão de cada uma, o grupo decidiu utilizar canetas para tecido e como as almofadas ficavam na Área da Biblioteca, iriam desenhar as personagens das histórias já do conhecimento das crianças e das histórias que podiam criar.

Desenvolveu-se então mais uma fase da atividade, as crianças em pequenos grupos na Área das Artes tiveram oportunidade de desenharem nas almofadas as suas personagens favoritas. Com o contributo, empenho e dedicação de todas as crianças desenvolveu-se mais uma etapa da intervenção inerente ao projeto de investigação.

Com todas as etapas do projeto da biblioteca desenvolvidas, as crianças em conselho concluíram a atividade, tendo cada uma referido o que realizou ao longo do percurso de

Para tal, pendurei na parede um cordão na horizontal e com molas pendurei os livros. Para finalizar, e dar mais algum conforto às crianças para poderem explorar confortavelmente o novo espaço criado, levei para a sala quatro almofadas e dei a conhecer às crianças o que pretendia com as



Foto 22- Grupo de Crianças a desenharem as almofadas

transformação da área. Identificaram também as alterações ocorridas e as várias etapas que do projeto.

Durante o decorrer do projeto, nos momentos de conselho diariamente o grupo fazia o balanço global do desenvolvimento do projeto. As comunicações eram feitas em pequeno grupo, com o intuito de informar o restante grupo.

No dia dezassete de maio de 2016 após a interrupção para o almoço, antes das crianças se subdividirem para explorar as áreas da sala houve um diálogo em grande grupo que tive oportunidade de registar na íntegra (V. Apêndice XIV- Episódio 5) - uma das crianças do grupo decidiu partilhar com os restantes elementos do grupo quer a forma como a área da biblioteca deve ser arrumada sempre que é explorada, quer o seu conhecimento acerca do que a área contém, como por exemplo os livros e as suas categorias.

Após a reorganização da Área da Biblioteca as crianças ficaram mais motivadas, verificando-se que em todos os momentos de exploração livre esta área passou a ser mais procurada. É relevante salientar que materiais como livros de histórias, livros ilustrados, entre outros materiais já existentes na área começaram a ser intensamente explorados pelas crianças. A criação de novas histórias e pequenas dramatizações potencializaram uma intensa relação das crianças com a expressão dramática, potencializando novas aprendizagens.

A forma como dispusemos os materiais e conseqüentemente os reorganizámos, teve como objetivo primordial despertar nas crianças mais curiosidade e necessidade de estabelecer interações diretas com os materiais.

Depois de terminado o estágio fui mantendo o contacto com a educadora cooperante que referiu o interesse diário das crianças na exploração da área. Referiu ainda que o grupo mostra-se mais interessado e sempre que dinamizava atividades em torno de histórias, as crianças tinham iniciativa para desenvolver atividades na área da biblioteca, algo que anteriormente não acontecia (V. Apêndice XV, Nota de Campo de 20 de junho de 2016).

O trabalho desenvolvido foi reconhecido pelas crianças, pela educadora cooperante e restante equipa. As crianças foram apoiadas inicialmente por mim e, posteriormente pela equipa da sala, para desenvolverem as suas atividades na área da biblioteca,

gradualmente a motivação e o interesse foi aumentando, e a criação de novas tarefas e atividades partiam das próprias crianças.

O grupo já possuía algumas competências ao nível da escrita (trabalho desenvolvido pela educadora cooperante ao longo do ano letivo), o que impulsionava o interesse em criar novas histórias e em reconta-las ao restante grupo através dos seus registos (desenhos e algumas palavras soltas).

O facto de os livros terem ficado organizados por categorias, permitiu que as crianças autonomamente escolhessem os livros que queriam explorar sem intervenção dos adultos da sala, o desfolhar dos livros e o reconto das histórias já conhecidas das crianças começaram a fazer parte das suas atividades diárias. A reformulação da área e a implementação de mais lugares permitiu que as crianças se juntassem em pequenos grupos de trabalho potencializando a partilha de ideias e interesses nas atividades por elas desenvolvidas.

O tipo de brincadeiras sociais geram a interação e o confronto de diferentes pontos de vista, estas vivências enriquecem as suas relações, uns com os outros e promovem a “autonomia e cooperação, compreendendo e agindo na realidade de forma ativa e construtiva” (Wajskop, 1995, p.33).

Estágio II em Jardim-de-Infância- Sala 2

Ao regressar ao Jardim-de-Infância, apesar de conhecer bem o espaço, a educadora cooperante e a toda a equipa (auxiliares das salas e das AAAF), deparei-me com uma dificuldade relativamente ao grupo, já que tinha sofrido algumas alterações, das vinte crianças apenas duas se mantinham no grupo.

Comparativamente ao momento de estágio anterior, apenas tive de me adaptar ao novo grupo, conhecer as suas características e necessidades pois o estágio era de curta duração. Assim, desde início, direcionei parte da minha atenção à organização da sala e consequentemente à disposição das áreas, constatando que as mesmas se encontravam dispostas e organizadas de modo semelhante ao ano anterior. Importava compreender a organização da Área da Biblioteca anteriormente reorganizada, centrando-me na forma como se apresentava; se a educadora cooperante tinha dado continuidade ao trabalho desenvolvido (se mantinha a área disposta da mesma forma e se os materiais também

estavam organizados por categorias, entre outros) e, por fim se este novo grupo de crianças demonstrava interesse em explorar esta área da sala.

Verifiquei, através da observação constante, que a mesma se mantinha quase inalterada, o pequeno sofá mantinha-se no mesmo local, as almofadas ficaram na área para as crianças se sentarem no chão enquanto exploravam os materiais da área, apenas a estante dos livros tinha sido substituída por outra, mas os meus critérios de organização do espaço tinham-se mantido.

Logo nos primeiros dias tive oportunidade de questionar a educadora acerca das minhas primeiras impressões da Área da Biblioteca. Questionei o facto de a estante ter sido modificada e também demonstrei surpresa em ter observado que a área estava quase inalterada. A educadora cooperante referiu-me que a “biblioteca no ano anterior após ter sido intervencionada ficou mais funcional, ao nível da acessibilidade dos materiais ficou mais apelativa e as crianças procuravam a área para explorar os livros e criarem as próprias histórias. A motivação e o empenho das crianças pela área foi tão notória que diariamente em conselho as crianças partilhavam com o grupo as pequenas histórias por elas criadas” (V. Apêndice XVI, Nota de Campo de 17 outubro de 2016).

A educadora ainda acrescentou que o facto de ter criado as almofadas com o objetivo de o número de crianças a explorar a área ser maior foi uma mais-valia, pois assim as crianças ao frequentarem a área podiam estar subdivididas em pequenos grupos ou a pares e desenvolverem atividades distintas.

A procura diária e constante das crianças na exploração de livros de histórias/contos era

bastante visível maioritariamente pelas crianças do grupo mais desfavorecidas, como também por

uma das crianças cuja como língua materna não era a língua portuguesa, aspeto fundamental caracterizado pela procura constante em observar e recriar histórias.

Contudo, com o tipo de explorações que o grupo desenvolve na área, é de esperar que ao longo do ano letivo possa vir a ter grande potencial na emergência da leitura e da



Foto 23- Dois grupos de crianças na Área da Biblioteca

escrita. Cabendo também à educadora cooperante e restante equipa incentivar, motivar e apoiar o grupo para a exploração adequada da área.

Dada a curta duração do estágio tive apenas oportunidade de observar algumas interações das crianças na área da biblioteca e também apoiar as crianças nas suas explorações nos momentos livres de exploração das áreas da sala.

O facto de as crianças ainda estarem em adaptação foi uma desvantagem relativamente ao facto de poder querer intervencionar outra área da sala ou até mesmo desenvolver outras potencialidades da área da biblioteca.

Capítulo IV – Considerações Finais

Este último capítulo pretende mostrar de uma forma reflexiva o percurso realizado nos diferentes estágios nas valências de Creche e Jardim-de-Infância. Desta forma pretendo analisar, refletir e interpretar as experiências vivenciadas e as aprendizagens adquiridas enquanto estagiária, como também algumas das dificuldades sentidas ao longo deste percurso.

Como ponto de partida para impulsionar o meu estudo, defini a questão de investigação: “Como otimizar a organização dos espaços e materiais em creche e jardim-de-infância?” que partiu das minhas primeiras observações no primeiro estágio em creche, observando o trabalho desenvolvido pela educadora cooperante, sendo ela bastante atenta às necessidades das crianças tinha bastante preocupação em adaptar o espaço.

Facto esse que me suscitou interesse em saber mais. Sendo uma temática transversal aos dois contextos de estágio iniciei as minhas pesquisas e conhecimentos teóricos relativamente aos espaços e materiais.

Tive alguma dificuldade em iniciar o meu estudo pois sentia-me insegura sem saber por onde começar, os trabalhos académicos eram muito intensos o que me tirava muito tempo para investir mais na minha investigação, tive bastante apoio da educadora cooperante que me auxiliou em todas as minhas decisões e me motivou para desenvolver o meu trabalho em torno desta temática.

Considero que as duas semanas iniciais de estágio deviam ter sido uma em cada contexto (creche e jardim-de-infância) tendo assim oportunidade de ter observado as duas realidades de modo a identificar a temática a desenvolver e se os contextos apresentavam características comuns.

Não tendo esta oportunidade, no entanto segui o meu instinto e levei em frente a minha decisão focando-me no espaço da sala, na forma como as crianças o exploravam e tentando perceber as suas necessidades e o que poderia mudar para melhorar.

Devido às atividades já planificadas pela educadora e algumas que decorriam na instituição só tive oportunidade de realizar as minhas intervenções quase no término do estágio, se este tivesse sido mais extenso poderia ter efetuado mais observações e registado mais interações das crianças com os materiais, apesar de terem ido ao

encontro das necessidades das crianças e terem sido desafiadores para elas, fomentaram diversas aprendizagens, desenvolvendo nas crianças competências ao nível social, motor e cognitivo.

Em creche tive especial atenção à fase de desenvolvimento das crianças, pois os materiais de caráter sensorial eram os que faziam mais sentido, as necessidades do momento estavam também relacionadas com as vivências do dia-a-dia, logo relacionei as duas características para reformular os espaços, criar e implementar os novos materiais. Senti que estes foram desafiadores para as crianças, tal como refere Wajskop (1995) pois com estes materiais tiveram oportunidade de brincar onde os objetos podem ter um significado diferente daquele que apresentam normalmente.

O aspeto acima referido pôde ser visível nomeadamente no painel sensorial que foi uma grande atração para as crianças e também para a educadora cooperante que ao longo do tempo o manteve sempre na sala.

No jardim-de-infância o trabalho desenvolvido apresentou características bem diferentes, a sala relativamente ao espaço e materiais apresentava uma área mais “frágil”, isto é, uma área que não era procurada pelo grupo. Consegui identificar esse aspeto logo na fase inicial do estágio, referi à educadora cooperante e pude contar com o seu apoio para as minhas decisões acerca do trabalho a desenvolver.

Após refletir acerca do trabalho a desenvolver optei por reorganizar a área da biblioteca com a participação ativa das crianças. Com o trabalho em pequenos grupos, as crianças tiveram a possibilidade de desenvolver competências sociais, partilhando ideias, distribuindo tarefas e terem a capacidade de respeitar e ouvir o outro.

Com a reorganização da área e a implementação de novos materiais, as crianças tiveram oportunidade de alargar os seus conhecimentos ao nível da leitura com a exploração das histórias e da escrita com o registo (desenhos e palavras) de histórias por elas criadas. A expressão dramática também ficou a fazer parte da área da biblioteca com a implementação de um fantocheiro e de fantoches feitos pelas crianças.

Considero que a participação das crianças nas alterações feitas nas salas é uma mais-valia para o seu conhecimento e envolvimento nas explorações livres diárias e atividades propostas pelas equipas pedagógicas.

Negativamente saliento um aspeto relativamente aos segundos momentos de estágio em ambas as valências, considero que apenas duas semanas de estágio é muito pouco tempo para conhecer um novo grupo de crianças que ainda se encontra em fase de adaptação, adaptarmo-nos a uma nova sala, com rotinas diferentes e equipa pedagógica diferente. No entanto, tive oportunidade de realizar alguns registos referentes aos materiais que as educadoras deram continuidade ao meu trabalho desenvolvido nos estágios anteriores e obter algumas respostas a questões que fui colocado às educadoras.

Para realizar um trabalho diferente e mais pormenorizado necessitaria de mais tempo de estágio, apenas com o intuito de desenvolver a minha investigação sem a preocupação de realizar outros trabalhos propostos por outras unidades curriculares referentes ao segundo ano do mestrado.

De forma a dar resposta à minha questão de investigação-ação e refletindo a minha experiência vivenciada, considero que a otimização dos espaços e materiais deve de ser feita em sala tendo em especial atenção as características do grupo e as suas necessidades a cada momento. Os móveis e equipamentos devem de ser adaptados à faixa etária das crianças, os materiais devem de ser suficientes e diversos. Compreendi que enquanto educadora devo desenvolver um trabalho reflexivo atento às necessidades do grupo.

Na organização e/ou reorganização dos espaços o educador de infância deve ter como principal intencionalidade educativa proporcionar às crianças um espaço que privilegie a aprendizagem ativa através de diversas vivências.

Considero que a minha intervenção foi valorizada pelas educadoras, pois consegui promover a mudança nos espaços educativos.

Enquanto futura educadora de infância pretendo adotar uma prática reflexiva e crítica para promover a mudança na prática educativa enquanto gestora do meu currículo.

Retenho inúmeras aprendizagens adquiridas ao longo do meu percurso de estagiária, algumas por mim desenvolvidas, outras que retiro da prática das educadoras cooperantes que irão fazer parte do meu futuro.

Para terminar, evidencio que este percurso por mim desenvolvido foi uma experiência bastante enriquecedora que tive oportunidade de vivenciar, tendo um marco importante na minha vida pessoal e profissional.

Em suma, cabe a nós futuros educadores de infância enquanto profissionais de educação trabalhar para uma melhoria, quer de mentalidades, quer de contextos educacionais. Focados essencialmente na criança, respeitando acima de tudo sempre os seus interesses.

Referências Bibliográficas

- Aires, L. (2015). *Paradigma Qualitativo e práticas de Investigação Educacional*. Universidade Aberta.
- Ambrósio, T. (2001). *Educação e Desenvolvimento; Contributo para uma mudança reflexiva da Educação*. Lisboa: UIED.
- Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação- Uma Introdução à Teoria e aos Métodos*. Porto: Porto Editora.
- Borràs, L. (2002). *Manual da Educação Infantil, A descoberta do ambiente natural e social, Comunicação e expressão*. Amadora: Marina Editores.
- Brickman, N. A., & Taylor, L. S. (1996). *Aprendizagem Activa*. Lisboa: Fundação Caloust Gulbenkian.
- Esteves, L. M. (2008). *Visão Panorâmica da Investigação-Acção*. Porto: Porto Editora.
- Folque, M. A. (2014). *O Aprender a Aprender no Pré-Escolar*. Lisboa: Fundação Caloust Gulbenkian.
- Gomes, A. M. C.; et al. (1984). *Creches*. Lisboa: Secção de Pediatria Social da Sociedade Portuguesa de Pediatria.
- Hohmann, M., & Weikart, D. (1997). *Educar a Criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Horn, M. G. (2004). *Sabores, cores, sons, aromas- A Organização dos Espaços na Educação Infantil*. Porto Alegre: Artmed.
- Kramer, A. B. (2009). *Com a Pré-Escola nas Mãos, Uma alternativa curricular para a educação infantil*. São Paulo: Editora Ática.
- Oliveira- Formosinho, J., Katz, L., Dian, M., & Lino, D. (2006). *Educação Pré-Escolar, A construção social da moralidade*. Lisboa: Texto Editores.
- Oliveira-Formosinho (Org.), J., Andrade, F., & Formosinho, J. (2011). *O Espaço e o Tempo na Pedagogia-em-Participação*. Porto: Porto Editora.
- Oliveira-Formosinho, J., & Araújo, S. B. (2013). *Educação em Creche: Participação e Diversidade*. Porto: Porto Editora.
- Oliveira-Formosinho, J., & Gambôa, R. (2011). *O Trabalho de Projeto na Pedagogia-em-Participação*. Porto: Porto Editora.
- Oliveira-Formosinho, J., Kishimoto, T. M., & Pinazza, M. A. (2007). *Pedagogia(s) da Infância*. Porto Alegre: Artmed.
- Oliveira-Formosinho, J.; (Org.). (2013). *Modelos Curriculares para a Educação de Infância*. Porto: Porto Editora.
- Papalia, D. E., & Olds., S. W. (1981). *O Mundo da Criança*. São Paulo: McGraw-Hill.
- Post, J., & Hohmann, M. (2011). *Educação de Bebés em Infantários*. Lisboa: Fundação Caloust Gulbenkian.

- Santos, J. (1991). *Ensaio sobre Educação - II*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Silva, A. S., & Pinto, J. M. (1986). *Metodologia das Ciências Sociais*. Porto: Edições Afrontamento.
- Silva, I. L., Marques, L., Mata, L., & Rosa, M. (2016). *Orientações Curriculares Para a Educação Pré-Escolar (OCEPE)*. Lisboa: Ministério da Educação/ Direção Geral da Educação.
- Wajskop, G. (1995). *Brincar na Pré-Escola*. São Paulo: Cortez Editora.
- Walsh, D., Tobin, J. J., & Graue, M. E. (2002). A Voz Interpretativa: Investigação Qualitativa em Educação de Infância. Em B. S. (org.), *Manual de Investigação em Educação de Infância*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Zabalza, M. A. (1992). *Didáctica da Educação Infantil*. Rio Tinto, Portugal: Edições Asa.
- Zabalza, M. A. (1998). *Qualidade em Educação Infantil*. Porto Alegre: Artmed.

Legislação

Lei de Bases do Sistema Educativo, Lei 46/86 nº2, artigo 4º

Documentos Oficiais

Projeto Educativo da Instituição A

Projeto Educativo da Instituição B

Plano de Estudos e Desenvolvimento do Currículo da Instituição B

Apêndice I- Exemplo de Nota de Campo

Dia:	19 de novembro de 2015
Local:	Sala de Creche
Momento do dia:	Hora do Lanche
Atividade espontânea promovida pela educadora (Área das Expressões)	

“A educadora cooperante durante o momento do lanche colocou música infantil no rádio da sala.

Algumas crianças já tinham acabado de lanchar e também já tinham a higiene feita, brincavam livremente pela sala.

Na sala estava presente uma mãe, esperando que a sua filha terminasse o lanche.

As crianças mostravam entusiasmo pela música, a educadora foi buscar um instrumento musical (uma pandeireta), batendo na mesma e movimentando-se pela sala despertou a atenção das crianças com o som produzido pelo instrumento. As crianças sorriam, dançavam e observavam atentamente os movimentos da educadora.

A L.(0:9) estava sentada no chão em frente à estante dos brinquedos, explorava uma caixa que continha diversos brinquedos, estava presente na caixa algumas “maracas” feitas pela educadora (frascos pequenos de plástico com feijão no seu interior).

A educadora retirou as “maracas” da caixa e manuseou-as produzindo o som.

A L., sorria e também abanava a pequena “maraca” mediante a sua força.

Esta ação da educadora despertou o interesse das outras crianças em se deslocarem até à caixa e retirarem as restantes “maracas”.

A educadora continuou a tocar “pandeireta” e dançando.

Quando a música terminou as crianças olharam em seu redor. A educadora colocou novamente a música repetindo os movimentos (dançando e tocando).

As interações da educadora com as crianças duraram alguns minutos”

Apêndice II- Alguns aspetos referentes à sala

Dia:	16 de novembro de 2015
Local:	Sala de Educadoras
Momento do dia:	Tarde (Depois do lanche)
Reflexão cooperada com a educadora cooperante de creche	

“**Estagiária-** Tenho reparado que frequentemente a sala é mudada...

Educadora Cooperante- Todos os dias observo o que necessitam, e como já reparas-te as mudanças na sala estão a acontecer constantemente. Assim se dá resposta às necessidades das crianças.

Neste momento já temos na sala uma cozinha e uma estante com alguns objetos reais que fazem parte do dia-a-dia das crianças (pratos, copos, biberons, aventais, colheres, sapatos...)

Como podes reparar a exploração dos novos materiais e brinquedos tem sido feita por todas as crianças da sala, alguns já são capazes de representar papéis sociais que vivenciam diariamente”.

Apêndice III- Reflexão Cooperada com Educadora Cooperante de Creche

Dia:	9 de dezembro de 2015
Local:	Sala de Educadoras
Momento do dia:	Tarde (Depois do lanche)
Reflexão cooperada com a educadora cooperante de creche	

...

“Estagiária- Ultimamente tenho reparado que quando tens de fazer alguma alteração na sala, mesmo que seja apenas mudar algo de sítio, pedes ajuda às crianças... Achei bastante interessante...

Educadora Cooperante- Quando reparo que os espaços já estão bastante explorados faço as minhas alterações.

Desafio sempre as crianças que estão presentes para “ajudarem” e tento alterar a sala sempre na presença delas (das crianças).

Tenho em atenção a segurança, para que ninguém se magoe.

Considero que o facto de as crianças participarem nas mudanças que ocorrem na sala, a criança não desorganiza a estrutura do pensamento, nem que seja levar um objeto para o outro lado da sala. Assim consideram que pertencem ao espaço e sentem-se integradas e seguras nele

Estagiária- Tentas sempre que o grupo todo participe?

Educadora Cooperante- Como decido espontaneamente, faço com as crianças que estão na sala independentemente da hora e do dia ”.

...

Apêndice IV- Conversa com Educadora Cooperante

Dia:	30 de outubro de 2016
Local:	Sala de Creche
Momento do dia:	Hora da Sesta
Momentos de partilha com a educadora cooperante na hora da sesta enquanto as crianças dormiam	

“São 13:00 horas, todas as crianças já adormeceram, aproveitei o momento para falar um pouco com a educadora sobre a sala e alguns aspetos da rotina.

Questionei a educadora cooperante se não sentia dificuldade em organizar esta sala pois a sua forma deve de dificultar bastante.

Educadora Cooperante- sim, sinto alguma dificuldade, a sala por ter imensas janelas dificultava a colocação dos móveis e alguns materiais dispostos ao longo da sala.

Perguntou-me se não tinha reparado que havia momentos da rotina mais difíceis de gerir.

Estagiária- Reparei em alguns, nomeadamente antes do almoço, quando as crianças estão no momento da higiene, uma das auxiliares tem de montar as camas, a outra acompanha as crianças na casa de banho...

Educadora Cooperante- O facto de esta sala ter casa de banho é muito bom, mas precisávamos de uma “camarata” para ter sempre os catres montados durante a semana, dificulta bastante a rotina termos de todos os dias empilhar os catres no fim da sesta, para além de ocuparem bastante espaço.

Por vezes quando me ausento ou se uma das auxiliares se ausenta é muito complicado gerir todas essas tarefas”.

Apêndice V- Reflexão Cooperada com Educadora Cooperante de Creche

Dia:	4 de novembro de 2015
Local:	Sala de Educadoras
Momento do dia:	Tarde (Depois do lanche)
Reflexão cooperada com a educadora cooperante de creche	

“Sendo a primeira reflexão cooperada com a educadora cooperante, falou-me um pouco acerca da instituição e também sobre o seu gosto e interesse em trabalhar em creche com crianças pequenas, referindo:

Educadora Cooperante- o primeiro objetivo do trabalho desenvolvido em creche é saber se a criança está bem, para além dos cuidados de higiene...

Devemos sempre minimizar o mau estar das crianças, principalmente naqueles momentos de espera (momentos de transição), realizando pequenas atividades espontâneas, porque acredito que a criança deve de esperar, brincando e aprendendo.

...

Estagiária- Fui observando a sala e reparei que está uma estante aberta sem prateleira na zona de baixo e diariamente as crianças recorrem à sua utilização, sozinhas ou a pares. Observei várias vezes que as crianças entravam e saiam da estante.

Educadora Cooperante- Fizeste uma boa observação... essa estante está colocada na sala deste modo de uma forma propositada, nesta idade as crianças têm necessidade de um espaço isolado onde possam usufruir de momentos de interioridade como também nesta idade a criança começa a ter uma noção precoce de espaço.

Na creche as crianças devem de ter o máximo de materiais, espaços e experiências diversificadas”.

...

Apêndice VI- Reflexão Cooperada com Educadora Cooperante de Creche

Dia:	6 de novembro de 2016
Local:	Sala de Educadoras
Momento do dia:	Tarde (Depois do lanche)
Reflexão cooperada com a educadora cooperante de creche	

...

“ **Estagiária-** Percebi que nesta sala foi dado continuidade a algumas estruturas e materiais da sala anterior, gostava de perceber o porquê? Se são do grupo? Se são da sala? Se são da educadora?

Educadora Cooperante- Alguns materiais são do grupo, foram adquiridos no ano anterior com dinheiro do grupo (dado pelos pais).

Alguns móveis são por mim “recuperados”, então faço questão de mante-los nas minhas salas.

Por exemplo, os livros alguns são meus, outros são desta sala e outros ainda são os mesmos da sala anterior porque ainda se adequam às características do grupo.

Estagiária- Observei que na sala permanece um dos materiais “painel sensorial” que levei para a sala no estágio anterior.

Educadora Cooperante- Sim, irá sempre comigo... este painel ainda faz sentido para o grupo e também para mim, identifico-me bastante com ele, irá comigo para o berçário quando para lá voltar, acho que se adequa a qualquer idade de creche.

Eles (as crianças) nunca o deixaram de explorar, e diariamente ainda o fazem”.

Apêndice VII - Exploração do painel sensorial

Dia:	5 de novembro de 2016
Local:	Sala de Creche
Momento do dia:	Manhã/Exploração livre
Observação das crianças a explorarem o painel sensorial	

“Estava sentada perto das mesas onde as crianças fazem as suas refeições, observando as crianças nas diversas zonas da sala realizando as suas explorações livres.

Observo uma das crianças a arrastar uma cadeira pela sala e questionei-o:

Estagiária- Para onde levas a cadeira? Deixa aqui... (apontei para a mesa).

A criança parou, hesitou e olhou para mim e disse:

Criança- Aí... (Ali), (apontou para o painel e ao mesmo tempo chamou outra criança para ir para ao pé dele)

A outra criança veio até si, comunicaram entre si. Um sentado na cadeira que arrastou e o outro numa almofada que estava perto do painel.

Iniciaram as suas explorações manuseando os interruptores e as peças do painel. Momentos mais tarde simulavam que iam de carro, girando os carretes como se fossem volantes, também vocalizavam o som do carro.

A exploração durou alguns minutos, uma das crianças ausentou-se e a outra ainda explorou o painel mas depois ausentou-se do local”.

Apêndice VIII- Conversa Informal com a Educadora Cooperante de Jardim-de-Infância (J.I.)

Dia:	14 de março de 2016
Local:	Sala de J.I.
Momento do dia:	Fim do horário letivo
Conversa informal com a Educadora Cooperante	

“Estava na segunda semana de estágio, após o horário letivo deste dia, antes de sair da sala conversei um pouco com a educadora cooperante.

Questionou-me como me estava a sentir e o que achava do grupo, da sala (de uma forma geral)...

Referi que me estava a adaptar bem, e que estava a gostar bastante. E que já tinha observado uma coisa ou outra acerca do meu tema a desenvolver para o relatório de investigação. (A educadora já tinha conhecimento do tema pretendido)

Educadora Cooperante- Não sei se me queres dizer ou registas para falarmos no momento da reflexão cooperada?

Estagiária- Posso dizer, e depois falamos melhor na reflexão cooperada.

Pelo que fui observando, sempre que as crianças vão para as áreas nunca escolhem a Área da Biblioteca?

Educador Cooperante- Este grupo é complicado... só querem escolher a área da casinha e das construções... a maioria das crianças apresentam uma grande imaturidade e manifestam pouco gosto pela leitura, histórias e afins, pois na sua maioria as crianças em casa não possuem livros de histórias, nem os pais têm por hábito ler-lhes ou contar-lhes histórias ou contos.

Gostam muito quando eu ou a L. (auxiliar) contamos histórias, e gostam de criar livros feitos por eles mas dependem muito do acompanhamento do adulto.

Se reparares só o D. é que gosta muito de ir para a área da biblioteca, vai mesmo sozinho, mas passado pouco tempo pede logo para ir para outra área.

Estagiária- Agora nos próximos dias vou estar atenta e tentar perceber porque não escolhem a área da biblioteca”.

Apêndice IX- Reflexão Cooperada com Educadora Cooperante de J.I.

Dia:	4 de abril de 2016
Local:	Sala de J.I.
Momento do dia:	Fim do horário letivo
Reflexão Cooperada com Educadora Cooperante	

“Iniciei a reunião com a educadora cooperante referindo-lhe as minhas sugestões de mudança da área da biblioteca.

Estagiária- A área da biblioteca precisa de mais espaço, para isso precisava de mudar a área da biblioteca para outro local da sala. Gostava de colocar materiais novos e reorganizar os que já lá estão... organizar os livros, estão um pouco desorganizados...

Educadora Cooperante- Acho muito interessante o que sugeres, mas mudar a área da biblioteca para outro local da sala é complicado, pois a sala já está assim organizada há muito tempo e não é fácil modificar podes tentar mas para isso tens de modificar todas as áreas da sala...

Não sei se reparas-te, só temos duas tomadas elétricas na sala, uma para o rádio e outra para os computadores, limita muito a alteração das outras áreas.

Estagiária- Eu já desenhei a planta da sala da forma como está organizada, vou analisar melhor em casa para ver o que posso fazer.

Caso não consiga mudar a localização da área, há a hipótese de apenas a reorganizar e torna-la maior para que mais crianças a possam utilizar em simultâneo.

Educadora Cooperante- Também pode ser, podes pedir à L. (auxiliar) para ires à arrecadação para veres se precisas de alguma coisa para a área da biblioteca.

Os materiais que lá estão são das três salas mas podes usar o que quiseres. Também há livros, e acho que há outra estante que podes precisar”.

...

Apêndice X

Episódio 1

- Momento do tapete/Período da manhã

- Primeira interação das crianças com as Garrafinhas Coloridas e Sonoras

“Educadora cooperante- A Mónica hoje traz ali um saco com umas coisas novas

(Aponta para o saco)

As crianças ficam agitadas e mostram-se curiosas em ver o que estava no saco.

Estagiária- Vamos ver o que trago aqui?

Agarrei no saco e espreitei com mostrando curiosidade, coloquei a mão no saco e tiro a primeira garrafa...

Estagiária- Ahhh!! Uma garrafa, que gira... (Agitando a garrafa para ser possível que as purpurinas se misturassem com a água)

Posteriormente parei de agitar a garrafa e fiquei uns segundos a observar.

Fui retirando as garrafas sucessivamente e colocando no chão para as crianças as explorarem.

A primeira exploração foi feita no chão e posteriormente as garrafas foram colocadas na estante ao acesso das crianças”.

(Notas de Campo, 30 de novembro de 2015)

Apêndice XI

<u>Episódio 2</u>

- Momento do tapete/Período da manhã

- Apresentação da atividade com as sugestões das crianças

“**C.L-** Podemos trabalhar por grupos.

S- Hoje uns meninos vão trabalhar com a Mónica e amanhã vão outros...

Estagiária- E como é que sabem o que já foi feito?

D- Eu sei! No fim de arrumarmos tudo contamos aos amigos o que fizemos.

Estagiária- É uma boa ideia!”

(Notas de Campo, 10 de maio de 2016)

Apêndice XII

Episódio 3

- Reunião de conselho/ Período da tarde

- Apresentação da primeira fase do trabalho desenvolvido – Inventário da Área da Biblioteca

“ **Estagiária-** Hoje como sabem este grupo esteve a fazer uma atividade diferente numa área da sala, escolhemos um porta-voz para explicar o que foi feito que é a M.. Todos vão ouvir com atenção e quem quiser participar põe o dedo no ar para falar.

M.- Hoje, eu e a S. tivemos a tirar os livros da estante da área da biblioteca, e dividimos em montinhos no chão.

Educadora cooperante- E o que fizeram com os livros?

M.- Cada montinho era uma coisa...

(A menina ficou pensativa)

Estagiária- Quem quer ajudar a M. a explicar o que fizeram?

C- Um era de livros de histórias, outro de livros de imagens....

M- Temos um livro do Corpo Humano...

(Um menino fez uma expressão facial muito admirado e colocou o dedo no ar para participar)

Estagiária- Vamos ouvir o T.

T.- Eu não sabia... gosto muito de saber as coisas do corpo, tenho na minha casa um...

Educadora cooperante- Vamos continuar...

M.- Depois o D. contou os montinhos todos e disse à C. e à S. elas desenharam num papelinho para colar num papel grande.

Estagiária- Como se chama o papel grande? Falámos sobre isso...

C- Eu sei!! É um... não sei dizer... (a menina ficou calada e pensativa) é um... *ventário*

M.- Inventário!! A Mónica explicou que era uma lista para sabermos o que a área da biblioteca tinha.

É um papel grande, e estamos a desenhar e a escrever à frente com letras.

...mas ainda não acabámos

Estagiária- Amanhã outro grupo vai continuar o inventário da área da biblioteca

(As crianças ficaram motivadas e todas queriam pertencer ao grupo seguinte)".

(Notas de Campo, 10 de maio de 2016)

Apêndice XIII

Episódio 4

- Momento de grande grupo/Período da manhã

- Discussão- O que desenhar nas almofadas e que materiais podem utilizar

“**Estagiária-** Como já vos tinha dito, hoje trouxe estas almofadas para a área da biblioteca, podem ser colocadas no chão para poderem estar mais meninos na área ao mesmo tempo.

(o sofá só permitia estar duas crianças na área ao mesmo tempo)

Gostava que todos desenhassem nas almofadas, o que podemos desenhar aqui?

F.- Eu sei... podemos desenhar a escola e os meninos a brincar...

D.- Eu acho melhor desenharmos coisas da sala.

M.- Já sei... Desenhávamos personagens das histórias, porque...porque...

(a criança estava pensativa)

...porque as almofadas são para a área da biblioteca e lá há histórias

Estagiária- A M. teve uma boa ideia, todos concordam?

Todos- Sim

Estagiária- Agora precisamos de descobrir que materiais podemos utilizar para desenhar as amofadas

Auxiliar- Não se podem esquecer que as almofadas são de tecido e não são como o papel

(Após uma pausa para pensarem)

C.L- Já sei... podemos usar aquelas canetas que temos na caixinha das riscas que pintam a bata da M. (Educadora Cooperante)

(O restante grupo concordou com o material a utilizar)

(Notas de Campo, 16 de maio de 2016)

Apêndice XIV

Episódio 5

- Momento de grande grupo/Período da tarde

- Discussão- Como arrumar a Área da Biblioteca

“**C. L.-** Posso contar aos amigos como temos de arrimar a biblioteca da sala, foi como fizemos hoje de manhã...”

T- Tivemos de dividir os livros pequenos e grandes e livros com grades (argolas)

Educadora Cooperante- Posso te perguntar o que são grades?

T- É o que segura os livros (fazendo o gesto com as mãos)

Auxiliar- Tiveram na biblioteca a arrumar os livros foi?

T- Eles tinham um trabalho!

C. L.- Tínhamos, primeiro tínhamos de pôr num montinho todos do mesmo tamanho e pôr na prateleira.

Estagiária- O que arrumaram mais sem ser os livros?

S- Arrumamos todos os fantoches na caixinha. Fui eu e o S.S

C.R.- Em cima são os pequeninos e em baixo os “mais maiores”

Educadora Cooperante- Ainda se lembram que livros há?

C.L.- Livros de histórias

C.R.- Livros só com imagens para imaginar histórias e livros de aventuras...

S.S.- Há livros de bonecos

Estagiária- O que são livros de bonecos, podes explicar?

S.S.- São livros de bonecos que dão na televisão...

(Coleção da Disney)

C.L- E livros que os meninos fizeram.

S.A- ...de animais

M- ... alimentação e sobre o nosso corpo (corpo humano)

D- Há estantes para guardar os livros, é como se fosse mesmo uma biblioteca

S- Eu estava a fazer à pressa, rápido. Depois fiz com calma, livros em baixo e livros em cima e uma caixa com fantoches.

L- Então como fazemos? Quando usamos um livro, onde arrumamos?

C.L.- Os pequenos junto dos pequenos e os grandes junto dos grandes.

(Notas de Campo, 17 de maio de 2016)

Apêndice XV- Visita ao local de estágio

Dia:	20 de junho de 2016
Local:	Sala
Momento do dia:	Tarde (depois do horário letivo)
Visita ao local de estágio (entregar documentos à educadora)	

Após ter terminado o estágio mantive contacto com a educadora cooperante, sempre que necessitei do seu apoio para me esclarecer alguma dúvida relativamente a aos trabalhos académicos contactava a mesma ou deslocava-me ao local de estágio.

Numa ida ao local de estágio para entregar uns documentos à educadora cooperante, fui bem recebida pela equipa e pelas crianças apesar de ter ido no término do horário letivo. Andavam nos preparativos para a festa final de ano e ainda tive oportunidade de assistir um pouco aos ensaios.

Após as crianças se terem ausentado da sala, entreguei os documentos à educadora cooperante e conversámos um pouco acerca do curso... entusiasmada a educadora referiu-me:

“Educadora Cooperante- Sabes?? Eles (as crianças) estão a adorar a biblioteca, querem muitas vezes ir para a área para criar histórias e até mesmo arrumar tudo quando está desorganizado...

Estagiária- Ainda vai trabalhando algumas histórias com eles?

Educadora Cooperante- Sim, até mesmo aos últimos dias vou desenvolvendo atividades em torno de histórias. Estão sempre muito interessados e querem fazer logo atividades na biblioteca...

Estagiária- Fico contente por isso, é muito positivo saber que o meu contributo mudou alguma coisa no grupo”...

Entretanto falámos de outros assuntos respetivos ao mestrado.

O meu último contacto com o grupo foi no dia da festa final de ano que tive oportunidade de estar presente.

Apêndice XVI- Conversa Informal com a Educadora Cooperante

Dia:	17 de outubro de 2016
Local:	Sala
Momento do dia:	Manhã (hora do lanche)
Conversa Informal com a Educadora Cooperante enquanto as crianças lanchavam	

“ Enquanto as crianças lanchavam a meio da manhã, tive oportunidade de falar um pouco com a educadora cooperante.

Estagiária- Reparei que a área da biblioteca está quase como deixei no ano anterior (ano letivo), a estante é que é outra?

Educadora Cooperante- A biblioteca no ano anterior após ter sido intervencionada ficou mais funcional, ao nível da acessibilidade dos materiais ficou mais apelativa e as crianças procuravam a área para explorar os livros e criarem as próprias histórias. A motivação e o empenho das crianças pela área foi tão notória que diariamente em conselho as crianças partilhavam com o grupo as pequenas histórias por elas criadas.

Este ano senti necessidade de trocar a estante para uma mais baixa, considero que assim as crianças têm mais facilidade em procurar os livros.

Estagiária- Também reparei que usam as almofadas para se sentarem no chão, foi você que lhes disse ou começaram a logo a usar?

Educadora Cooperante- Apenas referi uma vez no início do ano para que serviam as almofadas, acho que foi muito vantajoso teres colocado as almofadas, assim podem estar várias crianças na área ao mesmo tempo, podem fazer várias atividades como podem estar divididos em grupos...

A conversa foi muito breve, após as crianças terem terminado o lanche foram para as áreas da sala”.